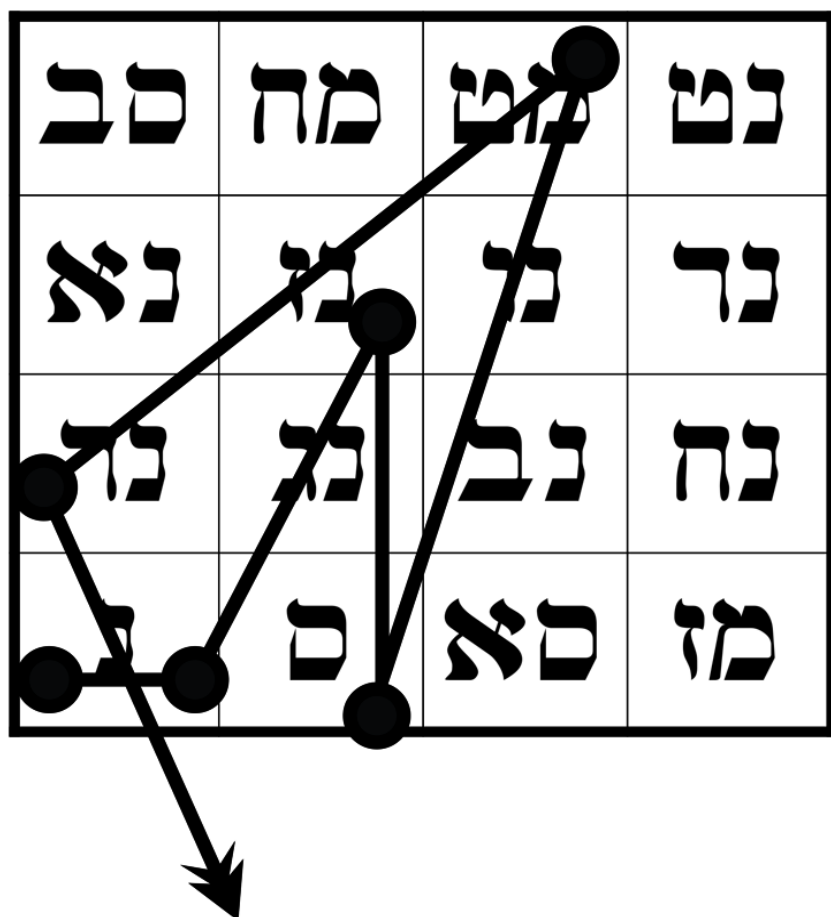
Lucifer Luciferax

Publicação Pan-Daemon-Aeônica Aperiódica, 9° Edição, ano 2015 de uma era francamente vulgar

"Vós olhais para cima, quando aspirais a elevar-vos.
E eu olho para baixo, porque já me elevei.
Quem de vós pode, ao mesmo tempo, rir e sentir-se elevado?
Aquele que sobe ao monte mais alto,
esse ri-se de todas as tragédias, falsas ou verdadeiras."

Abamah, Ahah, Tebu, Tedistu
Restum Abzu, abyssus, principium cosmogonicum masculinum, aquæ magnae, Tebu, Abzu!
Hibum Tiamat, Sarratum, Hubur, oceanus, serpens monstruosus, principium cosmogonicum femininum, Tebu, Tiamat!

Excerto da grande invocação dos Dragões Primevos do Caos, por Pharzhuph

Prælusio
Vox Mortem, Mortiferum Poculum

Por Pharzhuph

Imersos sob milhas profundas de águas abissais estamos e os antigos Dragões primevos do caos agitam-se em exaltação colérica.

Lânguido prazer e extenuante dor movem as mãos nossas à pena e ao buril.

O trabalho que o leitor tem em mãos é um marco na sinistra trajetória dessa modesta publicação. Celebra também o decesso do formato eletrônico e gratuito desse informe alfarrábio que traz luz às trevas e cegueira à visão.

Os assuntos nessa edição contidos manifestam o mortuoso âmago de nossa sinistra exploração e sinalizam algo sobre próximos tempos vindouros.

Nossos agradecimentos dirigem-se a todos aqueles que nos auxiliaram e que nos auxiliam em nossa modesta tarefa, dirigem-se também aos poucos e verdadeiros Irmãos e Irmãs com quem sempre pudemos contar nessa solitária, ínfima e banal não-existência: Betopataca, Natt Haxa, Frater Asmodeus, Roderick Totentanz, Elaine C. (a.k.a. Soror Z), Danilo Coppini e Templo de Quimbanda Maioral Beelzebuth e Exu Pantera Negra, Ivan Schneider e Editora Coph Nia, Editora Capelobo, Francisco Facchiolo Lima (especialmente pelas ilustrações dos pontos riscados que ilustram as matérias relacionadas ao T.Q.M.B.E.P.N), Néstor Avalos (artista responsável pela ilustração que figura no texto Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda), Thiago Septem (T.Q.M.B.E.P.N admirável e talentoso músico que permitiu a utilização de seus trabalhos), Flávio V. A. Necrovisceral e Torqverem, Emanuel Kronéis e RNS, Izaltigae, Vulpekula, Ursus, Taijasa e Summum Heredis.

Agradeço especialmente a todos os participantes do projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda promovido pela iniciativa do Templo de Quimbanda Maioral Beelzebuth e Exu Pantera Negra. Vossos relatos formaram um corpo único de registros mágicos de incomparável grandeza.

Em sinistra fraternidade,
Pharzhuph, Frater Nigrum Azoth
pharzhuph@gmail.com

Index

Capa
BLAKE, William "O Grande Dragão Vermelho e a Besta do Mar" (1805) Bico de pena e aquarela.
NIETZSCHE, Friedrich W.. **Assim Falou Zaratustra**. 5. Ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. 334p.

Jaculari Umbram
Nigra Janua

Por Pharzhuph

Algum teor poético na tentativa de registrar velhos insights de natureza mística no errante trajeto pela via sinistra. O fragmento ora apresentado foi composto de maneira não linear durante os anos de 1998 e 2001.

Capítulo 0

Verum et Mendacium

E não havia espaço ou tempo.
Matéria ou espírito.
Instinto ou razão.
E duas luzes vagavam em si próprias,
Pois elas eram infinitas
E o infinito era uno para com elas.
Vaar adormecia os espaços incomensuráveis
Perdidos antes do início dos tempos.
Aquela que era a mais bela,
E que a todo fulgor atraía,
Desdobrou-se então.
Surgia um não-mundo,
Um universo de absoluta escuridão.
Espelhavam-se umas nas outras, soberbas.
E onde nada existia,
Algo se tornou perceptível, denso sem o ser.
Ouviu-se então:

> "Que ele seja o deus do bem e que eu seja o deus do mal.
> Originalmente divididos, o meu poder é igual."

E uma chuva de astros cadentes precipitou-se por todos os espaços
Conhecidos e desconhecidos,
E não houve lugar aonde pudessem se esconder.
Pois o infinito é um para com Ela.
Caos toma conta da mente.
Não há compreensão.

Jaculari Umbram
Nigra Janua
Por Pharzhuph

Capítulo 1

Fides Tenebrarum

A grande hora chega
Anunciando a grande noite eterna.
Astros cadentes e ascendentes cruzam e dividem os céus negros.
Há uma luz negra no horizonte.
Gloriosa, única e infinita! Amém!
Cessam as palavras.
Aqueles que de lá vieram sentem e vêem.
Sabem de céus e de infernos.
Sabem de altos e de baixos.
Fundindo-se, às vezes, sem se misturarem,
Sem se conhecerem.
Penetram-se. Mesclam-se.
Πλαναω. Πονηρια. Αβαδδων.
Πειραζω. Δρακων. Οφις.
Uma bela luz negra no horizonte
Outrora se projetou sobre o infinito.
E era ela também infinita.
Três são os princípios. Pesa e os conhecerá.
Quatro foram as emanações sucessivas.
Sendo uma em três.
E três em uma.
Trinta e dois são os caminhos.
Sendo trinta e um em um.
E um em trinta e um.
O nove será a clavícula.
O sete a obra.
E a bela luz *incriada* e infinita.
Tornou perceptível aos corações de seus filhos
Que ela é o caminho que conduz à glória
E a glória mesma.
Sansara, ROTA, INRI, vida e morte.
Que tu não julgues o que desconheces.
Procura aprender.
Os símbolos falarão a ti.
Contempla a experiência, ouve as vozes.
Contempla silenciosamente aos ensinamentos. Os contempla,

Jaculari Umbram
Nigra Janua

Por Pharzhuph

Antigos como o próprio tempo
Aquecerão o coração teu e teus olhos transbordarão lágrimas,
Perdido em pranto ante o infinito!
Tu és um Deus!
Não mais Mortal!

Capítulo 2

Tenebrarun Ars Scientiae Summae Est Pulchrissima

Não há lugar. Não há pessoa. Não há circunstância.
Age conforme teu propósito! A LEI.
Natural e consciente.
Guia-te na noite eterna.
Anjos guiarão e iluminarão os passos teus.
Bendito sejas, filho da escuridão magistral!
Que teu ódio se intensifique,
Que teu ódio destrua,
Que teu ódio mate.
Que não haja descanso para teus inimigos.
Malditas sejam as horas que os conceberam.
Malditos sejam os úteros que os geraram.
Que a vida de teu inimigo seja longa,
Cada instante de dor, Eterno.
Que os campos sejam para eles perpetuamente incultos.
Que os filhos de teus inimigos sejam doentes e malditos.
Que nenhum sorriso de contentamento, alegria ou felicidade se forme na face do adversário teu.
Aprende e urde na arte do malefício.
Conta as estrelas do céu e os astros,
Queima ópio e assa fétida.
Que teus círios sejam abençoados
E teu verbo supremo!
Que o sangue dos sacrifícios transborde também em teu cálice.
Rouba, mata, destrói, aniquila, despedaça, corta, arranca, tira, deturpa, zomba e goza!
Que tu, irmão meu, não te prendas a nada.
Abjura, rompe e destrói com toda a tua força a toda espécie de grilhão.
Que não te compadeças,
Que não temas,
Que sejas invencível! Amém!

Que a tua presença seja nociva e teu hálito miasmático.
Que teus gestos sejam encantadores e dissimulados.
Que ninguém conheça os caminhos que levam ao coração teu.
Que tu, irmão meu, sejas um com o Inferno! Amém!
Que teu passado esteja morto jazendo no réquiem de teus sonhos e ilusões.
Que a fúria dos atos teus seja extrema.
Que conheças os ímãs da alma do mundo.
Que saibas unir ao salitre o enxofre.
1 – Que possuas as Chaves das Portas da Morte.
2 – Que descanses e medites sob tua Sombra.
3 – Que lutes eternamente no Abismo.
4 – Que sejas o mais intoxicado e perverso dos homens.
5 – Que sejas eternamente remido por teu próprio esforço.
6 – E que tu, irmão meu, estejas sempre preso pelo amor infinito à luz infinita e *incriada* da escuridão, Modra Nect, nossa Mãe! Amém!

Capítulo 3

Lilith Sibilus XXVIII

Chegará o tempo em que a bela loto negra que tu carregas dentro de ti há de florescer.

Reconhecerá os sinais. Falarão a ti em sonhos proféticos e visionários e teu sono se tornará desperto.

Verás a Árvore da Vida e da Morte. Verás a Árvore do Bem e do Mal. Tocarás em ambas.

Anjos e Mensageiros Dele te visitarão constantemente. Noite após noite. O abençoarão e o levarão a lugares jamais por ti perscrutados, por sagradas terras de escuridão.

Fé, ódio, sabedoria, disciplina e severidade.

A primeira e única se mostrará a ti.

Súcubos e harpias tu conhecerás; ouvirás o pranto desesperado de legiões de vidas por elas arrebatadas. Essas Crianças estão mortas. Outras mais deverão calar.

Homem, Mulher, Menino e Menina; os conhecerá;

Aqui há um sinal e uma provação, em meio oculta e em meio revelada.

Recolhe bem as dádivas da experiência sagrada. Fala como a lápide.

Estarás vivo (?) perante os homens ordinários do mundo, quando em verdade, tu estarás morto!

Morrendo verdadeiramente está a vida.

Nós, nós somos pura Morte.

Caminharás intacto por todas as terras,
Pacíficas ou em guerra.
Não te alcançarão.
E não há e não haverá poder algum,

Jaculari Umbram
Nigra Janua

Por Pharzhuph

No firmamento ou no éter,
Na terra ou debaixo dela,
Sobre o árido solo ou nas águas,
No ar giratório ou no fogo precipitado,
Ou conjuro ou maldição,
Que não assistam às necessidades Tuas.
Lembra-te: tu és um deus, não mais mortal.

Capítulo IV

Inops Potentem Dum Vult Imitari Perit

Da Invocação:

Ó Noite Mãe, guia-me agora nesta obra onde palavras não haviam de existir e, em verdade, não existem. Guia-me, Mãe eterna de loucura e redenção, à consciência do mais completo e nobre retorno.

Fides Tenebrarum

O dia e a noite não são mais para mim.
O tempo é tudo que não e nada significa.
Além do Bem e do Mal,
Além da Vida e da Morte,
Acolho a mais bela das dádivas.

Magnus Opus

Tu lançarás as palavras sobre o seio da terra e pelos espaços indefinidos
Para que toquem o coração do semelhante teu.
Saberás que em ti há algo que é ELE,
E que ELE mesmo está em ti... Em mim...
Silêncio inquebrantável então.
Queimando no fundo de tuas entranhas a ônix.
Afia tua espada.
Banha ela no sangue aguado do infiel.
Ouve. Vê.
Os raios e os trovões do céu são por ELE e para ELE!
O mar agitado e tempestuoso:

Jaculari Umbram
Nigra Janua

Por Pharzhuph

Tu deverás contê-lo,
E, apaziguado, o levarás dentro de um pequeno frasco
Em tua algibeira de escamoteador.
Ao abri-lo, maremotos se formarão conforme tua vontade – tua verdadeira vontade.
O nada, o nada e o nada mesmo.
Junta por tua parte todas as forças.
É chegado o tempo de tua verdadeira morte.
É chegado o tempo da liberação final. Isenta-te.
Desvencilha-te. Vence-te.
E tu serás senhor da matéria
E do movimento ordenado.
Cuida de encher o cálice teu
Com todos os vícios e paixões da humanidade
E Medeia o Invejará!
Tu és puro e para ti todas as coisas são e serão eternamente puras.
À tua razão e juízos: o abandono.
Se assim as toca,
Eis que murcham flores negras e espinhentas,
Rosas e lotos.
Não procures por compaixão.
Não encontrarás falsas virtudes aqui.
Ou estás cego?
Une e dispersa por tua vez.
Se tu tens me compreendido, és então senhor da verdadeira razão.
Manipula habilmente a torrente de pensamentos que te salta,
Apenas um pensamento,
Além disso,
Nenhum pensamento.
Admiração, temor e descrença.
Talvez nem estejas aqui!
Abandona a tudo e a todos,
Voa pelo Abismo,
Por ele e sobre ele, alma colossal,
Entregas-te por completo à escuridão nossa Mãe.
Crianças da amargura e outros mais te perturbaram,
Não os ouviu e não ouvirás outros.
Não cederás a nenhum dos falsos caprichos,
Destrói a tudo impiedosamente.
Que não reste nada do passado.

O capítulo da destruição total se encerrará e tu serás formador e
Senhor de um mundo todo teu.
Serás a divindade abrasadora.
Não esclarecerás nada
Falarás em tons melancólicos e viciosos,
Mas em verdade não dirás nada.
Leva-os a Busca.
Eis que eterno embate começou.
Méritos: terás os teus próprios.
Os fortes se levantarão e com eles legiões farão estremecer as terras em que tu pisas.
Felicidade e gozo eterno.
E tu saberás quem é sangue de teu sangue,
Pois tuas origens estão no seio matriarcal da noite sinistra
Modra Nect.
Estás envenenado,
Mas não sabes o que fazer com tanta peçonha.

Capítulo V

Vexxilla Regis Prodeunt Inferni I.XI.LXVI.L.V.X.N.O.X.

"Vencemos a vida. Trazemos e possuímos os sinais e os significados da Morte.
Fizemos da pena cinzel e buril. Rubras palavras vertem sobre o ouro.
Também há a essência daquilo que se chama ódio, daquilo que jamais poderá ser escrito."

Sou aquele dos tempos esquecidos e dos espaços indefinidos.
Caminho e ascendo por minha vontade.
Os pés meus jamais tocaram o solo.
Apareço a ti em uma carruagem de fogo, eu e minha comitiva.
Ostento onze diademas cingindo a fronte minha.

Trago em minha mão direita uma espada de duplo fio com a qual equilibro uma tríplice esfera brilhante, auriluzente.

Minha mão esquerda levo alçada ao firmamento, escurecido por nuvens pestilentas e acinzentadas, sob o frio olhar minguante.

Carrego um gozo maior do que o do amante e uma felicidade maior do que a do eremita do leito púrpura.

Meu rastro é daninho e nele vegetal algum jamais há de brotar.
O que me é elevado se lançou por sobre os astros mais distantes e meu nome já se torna imperecível.
De Om a Ur percorri onze léguas. Gehenna.

Jaculari Umbram
Nigra Janua

Por Pharzhuph

Tais clavículas não me pertencem, estão em mim e em meu igual.

Não são várias, são uma.

Também abrem cinquenta portas, mas não penses que as fechaduras e seus segredos são os mesmos: cinco raios estão eclipsados ao teu redor, oh Deus; teu Sol, teu Cálice e tu mesmo entenderás. Se tens conhecido as sete habitações não estarás perdido em tua busca. Ouve o que não pode ser dito.

O vaticínio é certo e a letra permanecerá morta ao cego que lê e ao surdo que escuta.

É tempo de velar, pois há no firmamento momento para tudo e para todo propósito.

Não há exclusão, não, não há nada.

O vaticínio é certo: poucas estrelas no firmamento brilham e um Sol pode atrair e consumir a outro. Algumas (estrelas) luzem resplandecendo gloriosos raios aurifulgentes, violentos e há ceguidade. Serão negras ?!?! 0101

NOX segue teu caminho e não te deixes desvanecer.

Há dentre vós, como nos céus noturnos, estrelas que se sobressaem.

Tu deves responder a turba que agora em tua cabeça se forma.

Trago o segredo filosofal de minha própria ônix e uma bela rosa negra. Projetar-me-ei. Onze vezes se darão comigo como se deram por sobre os astros mais elevados.

Meu número pode ser o quarenta, o quatro, o um, o nove. 45, 2, 30, 10, 1, 9, todos em um e 218.

Adão Belial, astro errante, excêntrico, eu que não me encontro em lugar algum, encontro minha absoluta imperfeição em todos os lugares. Atemporal, livre e único.

I. Minha vida está oculta (serpente) sob o facho ofuscante que se desprende de minha fronte cingida por diademas. Desprende chama criadora que regenera e destrói tudo ao meu redor. Tudo preso, encadeado por amor sem fim e fé inominável.

Morte. Abismo. Escuridão. Asas. Lápide. **A**. Plantei em meu seio a semente, acolhi a palavra; fiz fértil minha sinistra geratriz e, como progenitor, sou irmão de minha filha: somos quatro, cinco e onze. Sessenta e seis e um. **O** Lúcifer.

Epos Babylonicum
Mitologia Mesopotâmica Antiga

Por Pharzhuph

As Bases da Corrente Anticósmica - Mitologia Mesopotâmica Antiga, o Enuma Elish

Uma das influências fundamentais da Corrente 218 firma-se nos mitos primevos relatados no épico mesopotâmico da criação, o Enuma Elish. O épico narra os eventos que culminaram na formação do cosmos, na hierarquia dos deuses, na criação do mundo e no advento da humanidade. Ao contrário do que pode parecer numa primeira aproximação, a narrativa do Enuma Elish culmina na derrocada dos deuses primevos. As forças do “mal” e do caos são vencidas e, consequentemente, a ordem presente do universo é estabelecida e a humanidade é criada para servir aos deuses.

Não há consenso acadêmico sobre quando o Enuma Elish foi escrito. Assume-se que é razoável dizer que o épico tenha sido composto durante o período babilônico médio (Cassita), entre 1651-1157 a.e.c., porém há quem refute a datação e remeta a composição do épico a períodos que remontam à dinastia acadiana Sargônica, entre 2400-2200 a.e.c.

Tábua Cronológica[1]

<table>
<tr><th>Ano a.e.c.</th><th>Mesopotâmia</th><th>Idioma referencial</th><th>Invenção da escrita</th></tr>
<tr><td>5500</td><td>Mesopotâmia ‘pré-histórica’
Período/Cultura de Ubaid</td><td rowspan="4">Sumeriano</td><td></td></tr>
<tr><td>4000</td><td>Cultura Gawra
Período de Uruk (4000-3100)</td><td>Escrita primitiva mesopotâmica e egípcia (3300-3200)</td></tr>
<tr><td>3000</td><td>Período Dinástico Antigo
Cidades-estados Sumerianas (3100-2390)</td><td></td></tr>
<tr><td>2500</td><td>Dinastia Antiga</td><td>Cuneiforme adaptado para escrever idiomas semíticos na Mesopotâmia e Síria</td></tr>
<tr><td>2300</td><td>Dinastia Acádia (Sargônica) (2390-2210)</td><td>Acadiano</td><td></td></tr>
<tr><td>2200</td><td>Período Neo Sumeriano</td><td>Sumeriano</td><td></td></tr>
<tr><td>2000</td><td>Período Babilônico Antigo (1950-1651)
Período Assírio Antigo (1869-1837)</td><td>Sumeriano e Acadiano</td><td></td></tr>
<tr><td>1500</td><td>Período Babilônico Médio (Cassita) (1651-1157)
Período Assírio Médio (1350-1000)</td><td>Acadiano</td><td>Alfabeto Ugarítico (1250)</td></tr>
<tr><td>1000</td><td>Período Neo Babilônico
Império Neo Assírio (883-612)</td><td></td><td>Alfabeto Fenício</td></tr>
</table>

[1] Os períodos assírios descritos na tábua referem-se mais à Mesopotâmia setentrional. Os demais períodos referem-se mais ao sul da Mesopotâmia.

Epos Babylonicum
Mitologia Mesopotâmica Antiga

Por Pharzhuph

Os primeiros fragmentos do Enuma Elish foram encontrados em escavações nas ruínas da livraria real de Assurbanipal, no sítio arqueológico de Nínive (próximo da atual cidade de Mossul, no Iraque) por volta de 1851. Embora o texto tenha sido descoberto em versões similares, e também fragmentadas, em pelo menos outros três sítios arqueológicos, a descoberta é amiúde reputada ao proeminente arqueólogo britânico Austen Henry Layard (1817-1894).

Fisicamente o Enuma Elish é constituído por sete tábuas de argila sobre as quais foram gravados os caracteres em cuneiforme no idioma acádio. Cada tábua apresenta entre 115 e 170 linhas de texto. Partes de algumas tábuas são praticamente ilegíveis devido aos danos que as mesmas sofreram pela ação do tempo. Por ser composto de sete tábuas o épico é chamado por alguns escritores de "As Sete Tábuas da História da Criação".

O nome Enuma Elish significa aproximadamente "quando, no alto". Sendo que '*enuma*' e '*elish*' são as duas primeiras palavras da primeira linha da primeira tábua.

As comemorações do ano novo babilônico incluíam cerimônias onde o poema era recitado, especialmente a sétima tábua que contém os nomes e as principais glorificações a Marduk, que se tornaria posteriormente o deus patrono da Babilônia.

O conteúdo referencial utilizado em nossas pesquisas é descrito integralmente na bibliografia do presente trabalho. A maior parte dos trechos do Enuma Elish citados aqui foi traduzida e adaptada livremente para o nosso idioma com referencia nos trabalhos de Dr. Ephraim Avigdor Speiser[2], Stephanie Dalley[3] e Leonard William King[4]. Sempre que possível, optamos por empregar a grafia das palavras tal como aparecem nos idiomas acadiano e sumeriano na literatura acadêmica corrente, omitindo a acentuação que não se enquadra na língua portuguesa. Incluímos, quando necessário, explicações auxiliares, especialmente nos capítulos posteriores.

De acordo com o épico mesopotâmico da criação, duas divindades primevas existiam antes do advento do cosmos. Elas eram e existiam antes de tudo. Seus nomes eram Tiamat e Apsu, os dragões primevos do caos.

Apsu, o primeiro, é considerado o iniciador da criação. Ele é a personificação mitológica das águas que correm nos profundos mundos subterrâneos, dos rios e da água doce. Tiamat, útero e cteis do universo, é a geratriz dos deuses e consorte de Apsu, ela é a personificação das águas salgadas, dos mares e dos oceanos.

O mito narra que os dragões primevos do caos uniram seus vigorosos e intensos corpos, e, de dentro deles, emergiu o casal de deuses primordiais Lahmu e Lahamu. Quando Lahmu e Lahamu atingiram a maturidade, surgiu outro casal de deuses, Anshar e Kishar, os quais sobrepujaram Lahmu e Lahamu.

---

[2] Dr. Ephraim Avigdor Speiser, notório assiriologista e arqueólogo, autor do livro "*Mesopotamian Origins. The basic population of the Near East*", de 1930.

[3] Stephanie Dalley é autora do livro "*Myths from Mesopotamia - Creation, the Flood, Gilgamesh, and Others*", publicado pela *Oxford University Press* em 1989.

[4] Leonard William King é autor dos Volumes XII e XIII da obra "*Luzac's Semitic Text and Translation Series*" nomeadas "*The Seven Tablets of Creation. Vol.1 & Vol.2: English Translations, Transliterations, Glossary, Introduction, Suplementary [Babylonian and Assyrian] Texts*", publicadas em 1902.

Epos Babylonicum
Mitologia Mesopotâmica Antiga

Por Pharzhuph

Existem basicamente duas teorias sobre quem seriam os pais de Anshar e Kishar, a interpretação mais difundida é que eram filhos de Lahmu e Lahamu, como corroborado pelo texto da terceira tábua do Enuma Elish, porém especula-se que poderiam ser filhos gerados por Tiamat e Apsu.

O primogênito de Anshar e Kishar foi o deus Anu, feito a imagem do deus Anshar. O nome Anu deriva da palavra An, que em sumeriano significa céu, firmamento; An é também um dos nomes de Anu. An é uma das divindades principais do panteão mesopotâmico, é frequentemente chamado "rei dos deuses" e "pai", é prógono de outros deuses e de inúmeros demônios.

A palavra An pode se referir ao céu em totalidade, ou aos níveis do firmamento presentes na geografia cósmica da mesopotâmia, onde An representa o nível mais distante da superfície terrestre. Diversos textos sumero-acadianos demonstram que os antigos mesopotâmicos acreditavam que o universo é formado por níveis ou camadas sobrepostas, separadas por algum tipo de espaço vazio ou aberto. Wayne Horowitz, em seu livro *Mesopotamian Cosmic Geography*, expõe a seguinte representação simplificada do universo mesopotâmico:

Páramo de Anu
Céu intermediário
Firmamento
Superfície terrestre
Apsu, abismo primordial das águas doces que fluem sob a terra
Submundo

Seguindo a narrativa do Enuma Elish, Anu, rivalizando seus antepassados, gerou Nudimmud a sua semelhança. Nudimmud é conhecido também por seus nomes Ea e Enki. Nudimmud era superior se comparado aos seus ancestrais, possuía entendimento profundo sobre todas as coisas, era muito sábio, forte e belígero. É dito que Ea não tinha rivais entre seus pares.

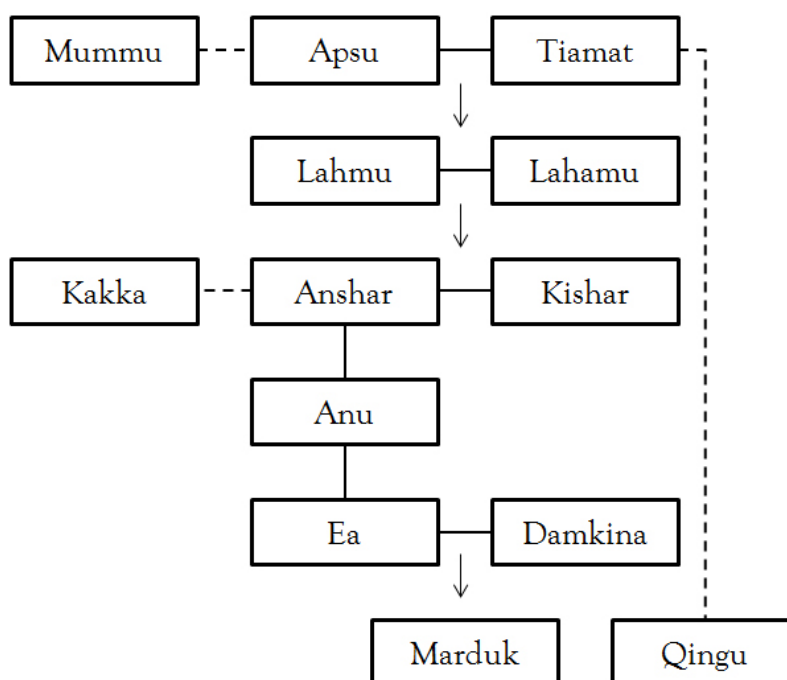
Os deuses dessa geração se agitavam constantemente no ventre de Tiamat e se divertiam ruidosamente dentro de Anduruna. A palavra Anduruna significa literalmente "onde Anu habita" e é utilizada como sinônimo para certos níveis do céu em alguns textos de encantamentos mesopotâmicos. No Enuma Elish o termo tende a caracterizar um espaço delimitado onde os deuses se entretinham.

O comportamento dos novos deuses incomodava Tiamat, mas mesmo assim ela os favorecia.

Apsu estava enfurecido e convocou seu ministro Mummu[5] para apresentar a questão à sua consorte Tiamat. Apsu disse à Tiamat: "O curso que os novos deuses tomaram é repugnante para mim. Os dias passam e eu não consigo mais descansar. Às noites, não consigo mais dormir. Deixemos que a paz prevaleça: eu devo abolir o curso dos novos deuses e destruí-los. Assim poderemos descansar em paz.". Tiamat se encheu de cólera e redarguiu recriminando Apsu: "Como poderíamos permitir que perecessem aqueles criados por nós? Mesmo que o curso que tenham tomado seja desprezível, deveríamos nós tolerá-los pacientemente.".

[5] Em algumas interpretações a matéria primordial é criada a partir da mistura das águas que compõe os corpos de Tiamat e Apsu, da qual surge um terceiro elemento tipificado por Mummu.

Mummu, o vizir, discordou veementemente de Tiamat e aconselhou Apsu a seguir adiante com o plano de dissolver e aniquilar sua progênie. Porém os novos deuses souberam do plano. Ea, cujo entendimento era superior, criou um poderoso encantamento e fez Apsu adormecer profundamente. Ea então retirou o cinturão, a coroa e o manto radiante de Apsu, se vestiu com eles e assassinou Apsu e seu ministro Mummu.

Divindades Principais no Enuma Elish

Ea se vangloriou por ter eliminado seus inimigos e, junto com Dankina, sua amante e esposa, gerou Marduk dentro do corpo de águas doces de Apsu. No Enuma Elish é dito que Marduk era poderoso desde seu início e que era vestido com o manto de dez divindades.

An, progenitor de Ea, reconhecia em Marduk a majestade dos deuses e a ele concedeu obséquios que o tornaram mais poderoso. Ea gerou ondas poderosas que deixaram Tiamat inquieta e os outros deuses começaram a sofrer, pois não conseguiam mais descansar.

Tiamat ouviu então as queixas dos outros deuses e resolveu agir e vingar Apsu. Eles se aglomeraram e começaram a se preparar para a guerra. Tiamat gerou onze bestas demoníacas para a batalha, gerou Qingu, seu filho e amante, e o colocou à frente de sua armada como líder. Tiamat entregou a Tábua do Destino[6] para Qingu e fez com que ele a prendesse sobre o próprio peito dizendo: "Tua expressão não será alterada! A palavra tua será lei! O que sair de tua boca extinguirá o fogo! Teu veneno acumulado paralisará o poderoso!".

[6] A tábua dos destinos ou tábuas do destino - e suas variantes - mencionadas na literatura mesopotâmica antiga referem-se a superfícies de argila nas quais eram gravados, em cuneiforme, os destinos e a sorte. Aquele que as possuísse seria dotado de poderes supremos.

Epos Babylonicum
Mitologia Mesopotâmica Antiga

Por Pharzhuph

O texto do Enuma Elish não é suficientemente claro sobre quais divindades se queixaram à Tiamat. O discurso indica que Tiamat concedeu poderes para que Qingu vencesse todos os deuses e prevalecesse sobre Anukki.

A palavra Anukki, nesse contexto, é utilizada para designar o conjunto de jovens deuses que habitava o céu e que estavam sob o comando e égide de Anu. Amiúde, o termo Igigi é utilizado como sinônimo para Anukki no Enuma Elish[7].

Ea soube dos planos de Tiamat e resolveu se encontrar com Anshar para relatar o que estava ocorrendo e compartilhar sua preocupação. A narrativa de Ea é profunda e detalhada, e deixou Anshar bastante perturbado. Ea é aconselhado a procurar Tiamat e, através de seus feitiços, tentar abrandar a fúria caótica do Antigo Dragão, porém Ea teme e sabe que não poderá enfrentar Qingu e os monstros de Tiamat. Ea retorna a Anshar e diz: "Pai, o poder de Tiamat não posso combater. Fui ao encontro dela, mas meus encantamentos não se equiparam aos poderes Dela. Não há quem possa desafiá-la, aterrorizante como Ela é. A coroa dela tem grande força, o rugido dela jamais cessa e é estrondoso demais para mim.". Anshar bradou furiosamente e enviou seu filho Anu ao encontro de Tiamat, porém o resultado foi o mesmo. Anu temeu e retornou avisando Anshar: "Pai, você não pode enlanguescer. Você deve enviar outro ter com Ela. Você deve dispersar os regimentos dela e lhe confundir o juízo. Faz isso antes que sobre nós Ela se imponha". Cabisbaixo, Anshar emudeceu. Diante dele estava congregado o Igigi, todos os Anukki. Ficaram por algum tempo calados e disseram: "Esse é nosso destino então? Não haverá outro que possa enfrentar Tiamat?". Foi então que Ea incitou Marduk a se aproximar de Anshar e se empenhar para se tornar o combatente que lutaria contra Tiamat. Marduk disse a Anshar: "Pai, meu criador, regozija-te, alegra-te, pois em breve o teu pé pousará sobre o pescoço de Tiamat!".

Anshar aceitou, porém Marduk impôs condições que o tornariam hierarquicamente superior aos outros deuses e ainda mais poderoso, caso vencesse a batalha. Marduk disse a Anshar: "Senhor e destino dos grandes deuses. Se realmente eu me tornar vosso herói. Se eu derrotar Tiamat e salvar vossas vidas. Reúnas então o conselho. Imputa-me destino extraordinário. Acomodai-vos alegremente juntos em Ubshu-ukkinakku[8] e que todos saibam: o que eu mesmo promulgar deverá ser estabelecido sobre vós! Tudo aquilo que eu criar jamais poderá ser alterado! O decreto dos lábios meus jamais poderá ser revogado, nunca alterado!".

Anshar enviou seu vizir Kakka ao encontro de Lahmu e Lahamu para que lhes contasse o que estava havendo e eles se reuniram ao Igigi. Houve um intenso festejo e os deuses erigiram um magnífico santuário e proclamaram Marduk como seu superior, como seu rei. É dito que os deuses o investiram com um cetro, o entronizaram e lhes deram uma arma invencível para derrotar o adversário. Os deuses disseram: "Vá e ceife a vida de Tiamat! Deixe que o sangue dela se espalhe pelos ventos e que chegue até nós como sinal das boas novas!".

Marduk fez um arco, flechas, uma aljava e trouxe consigo uma maça. Fez ele também uma rede para conter Tiamat.

---

[7] Anukki deriva do vocábulo acadiano *anāku*, que significa "eu" e é identificado com os vocábulos *Anukkū*, *Anunnakkū* e *Enunnakkū*, que podem significar "os deuses", "a totalidade dos deuses", abrangendo tanto os deuses da terra quanto os deuses dos mundos inferiores. Igigi advém do termo acadiano *Igigû*, que significa "os dez grandes deuses" ou "os deuses dos céus".

[8] Do acadiano, *ubšukkinnakku* ou *ubšukkannakku*: corte de assembleia dos deuses no céu.

Seu corpo estava preenchido com uma chama ardente que, segundo o Enuma Elish, jamais se extinguiria. Ele ordenou os quatro ventos, vindos das quatro direções, de maneira que sua antagonista não pudesse escapar. O épico menciona que Marduk criou outros ventos e forças para causarem distúrbio dentro do corpo de Tiamat, tais poderes seriam liberados enquanto ele se aproximasse de sua oponente – os poderes eram: o vento destrutivo (imhullu[9]), o temporal, o furacão, os quatro ventos, os sete ventos, o tornado e o "vento que virá, mas que não pode ser enfrentado". Arnesou ao seu lado quatro combatentes incansáveis e devastadores chamados: o Impiedoso, o Assassino, o Aniquilador e o Velocista. Marduk então subiu em sua carruagem "de tormenta" brandindo sua arma invencível[10] e partiu rumo a Tiamat.

Marduk encontrou Tiamat enfurecida e se aproximou cautelosamente tentando descobrir a estratégia de Qingu para o combate, porém Qingu temeu ao notar a aproximação de seu oponente, de suas tropas e dos deuses que marchavam com ele. Tiamat permaneceu imóvel e, dissimuladamente, disse a Marduk: "Como é poderosa a sua força, Senhor dos Deuses! Todos eles agora se dirigem ao seu santuário para ocupar o lugar que é seu.". Marduk redarguiu e o ânimo de Tiamat se enfureceu de maneira selvagem, seus membros ínferos se agitaram nas profundezas e ela recitou um encantamento. Um diante do outro a batalha começou.

Marduk lançou a rede sobre Tiamat e nela insuflou o vento destrutivo (imhullu) do qual ela não pôde escapar, o ventre dela se distendeu e sua boca abriu largamente[11], Marduk disparou uma flecha que lhe trespassou o abdome, abriu-se então uma enorme fenda no corpo de Tiamat e sua vida se extinguiu. Marduk então dispersou a armada de Tiamat, prendeu suas bestas demoníacas, matou Qingu e se apossou das Tábuas do Destino. Esmagou ainda o crânio de Tiamat com sua maça e espalhou seu sangue pelos ventos para avisar a Anshar e aos deuses do Igigi que havia saído vitorioso do combate.

Desse momento em diante o épico começa a narrar como Marduk transitou da posição de herói dos deuses do Igigi para a condição de criador e ordenador do universo, tarefa na qual ele utilizou partes do corpo de Tiamat.

É dito que Marduk estendeu a imensidão do firmamento; nivelou e mediu a extensão do corpo de Apsu; construiu grandes templos e deu residência aos deuses Anu, Enlil e Ea. Ele criou a definição de tempo, projetou o ano e o dividiu em meses; os meses em semanas; as semanas em dias. A lua foi criada para marcar a duração do dia e da noite, como uma crescente joia noturna. As constelações foram criadas e associadas aos deuses do Igigi, assim como os signos do zodíaco.

Com a cabeça de Tiamat ele criou uma altíssima montanha, de seus olhos vertem os rios Tigre e Eufrates. Com o fígado ele gerou a noção de altitude; com as costelas fez cavilhas. Em algumas interpretações, o corpo de Tiamat foi partido basicamente em duas metades, das quais uma corresponde ao céu e outra à terra. As armas das onze criaturas de Tiamat foram destruídas e elas foram amarradas, transformadas em imagens, e colocadas diante das portas do templo para que ninguém jamais esquecesse o que havia ocorrido.

---

[9] Do acadiano, *imḫullu(m)* ou *anḫullu*: forte vento destrutivo, tempestade.

[10] Na linguagem poética sumero-acadiana o poder da inundação/dilúvio é utilizado como metáfora para designar um forte poder bélico. O termo é traduzido aproximadamente como "arma-dilúvio" na literatura relacionada. Referencia parte da 49ª linha da 4ª tábua do Enuma Elish.

[11] Em algumas traduções do Enuma Elish diz-se que a boca de Tiamat se abriu para tentar engolir Marduk durante a batalha.

Em determinado momento Ea se dirigiu a Marduk e propôs: “Permita-me misturar algum sangue e fazer alguns ossos. Permita-me criar o indivíduo primevo: *humano* deverá ser o nome dele. O trabalho dos deuses a ele será reputado e ficaremos, nós, entregues ao ócio. Permite-me mudar milagrosamente o curso dos deuses!”. A proposta foi assentida por Marduk e pelos Anunnaki[12]. Ea, a partir do sangue de Qingu[13], formou os indivíduos humanos e o trabalho pesado dos deuses foi atribuído à humanidade.

Os deuses do Igigi foram divididos e coube a cada um deles reinar sobre alguma parte da criação, sempre sob o domínio e a égide de Marduk. Em retribuição, os Anukki erigiram a cidade da Babilônia.

Em escala cronológica linear, a narrativa dos eventos no Enuma Elish ocorreram majoritariamente antes da formação do nosso universo. Podemos dizer que os eventos sucederam antes da apreensão do tempo, observando-o como duração relativa dos processos que criam em nós a ideia de presente, de passado e de futuro.

No mito não há heróis humanos: a contenda, o antagonismo e as disputas ocorrem entre os deuses criados a partir da união dos dragões primevos do caos, Apsu e Tiamat, aqueles que a tudo antecederam.

Observa-se a presença dos seguintes estágios ou elementos distintos:

a) Ato da criação, arranjo e organização dos elementos primordiais [tipificados também pela criação dos deuses mais jovens];
b) A presença de um ente, que em determinado momento, cria, arranja e organiza o universo físico;
c) O antagonismo e a rivalidade entre os deuses primevos e os deuses mais jovens;
d) O antagonismo entre as forças masculinas e femininas;
e) A separação dos elementos a partir de uma matéria primeva já existente, gerada principalmente pela união dos corpos de Tiamat e Apsu;
f) A criação da humanidade para que a mesma sirva aos deuses mais jovens.

O demiurgo do platonismo compartilha de características comuns a Marduk: um artífice ordenador de elementos caóticos preexistentes, que culminaram na criação do cosmo, onde a concepção da humanidade é um fato de menor relevância.

Em algumas seitas cristãs primitivas, baseadas no platonismo, e em algumas seitas gnósticas, o demiurgo é uma espécie de ente que serve de intermediário para Iavé criar o mundo. Esse ente intermediador é o subterfúgio necessário para que Iavé não seja responsabilizado por ações más e destrutivas, essenciais no âmbito da criação. Marduk possui características similares, pois age primeiramente por incitação de Ea a Anshar, e o faz de maneira destrutiva e capciosa, com o objetivo de se tornar superior aos demais deuses.

Lemos no texto do Enuma Elish que Marduk veste o manto de dez deuses. Na qabalah, o dez é um dos números atribuídos ao Iavé criador. É o número do ciclo eterno: dez é o valor gemátrico da letra *yod* (princípio), da qual todas as outras letras do alfabeto hebraico derivaram.

[12] Deriva do vocábulo acadiano *anāku*, sinônimo para Igigi e Anukki nesse contexto.
[13] A escolha de Qingu como fonte de sangue para a formação do homem serviu também de expiação aqueles que se opuseram à vontade dos deuses mais jovens.

É o número atribuído à realidade, à ordem, e cuja extensão delimita o mundo divino. Outra referencia ao número dez é o termo Igigi[14], que advém do termo acadiano *Igigû* e significa "os dez grandes deuses" ou "os deuses dos céus".

Podemos dizer que a batalha épica entre Marduk e Tiamat também representa a transição social e cultural entre o matriarcado e o patriarcado.

Em suma, Marduk representa os poderes cósmicos que são combatidos pela Corrente 218, que, por sua vez, é tipificada pelos dragões primevos do caos e pelos onze poderes criados por Tiamat, ou seja, por Azerate.

A Corrente 218 é animada pelo hálito dos dragões e pela força das águas abissais que os compõe. Resgata-se através dela o culto aos deuses mais antigos do caos com a intenção desimpedida de destruir a ilusão do universo e a ordem atual. Trata-se de um movimento de forças caóticas que possui o propósito de destruir o que a percepção comum dos indivíduos apreendeu como "universo-verdade". Destruição em escala micro e macrocósmica, desde o cerne do indivíduo até o exterior.

Referências

THOMPSON, R. Campbell. The Devils and Evil Spirits of Babylonia. Londres: Luzac & Co., 1903. (Luzac's Semitic Text and Translation Series).

S.I., P. Antonius Deimel. Enuma Elis: Epos Babylonicum de Creatione Mundi. Roma: Sumptibus Pontificii Instituti Biblici, 1912.

BLACK, Jeremy; GRENN, Anthony; RICKARDS, Tessa. Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia. 4. ed. Londres: The British Meseum Press, 2004.

BLACK, Jeremy; GEORGE, Andrew; POSTGATE, Nicholas. A Concise Dictionary of Akkadian. 2. ed. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000.

LEICK, Gwendolyn. A Dictionary of Ancient Near Eastern Mythology. 2. ed. Londres: Routledge, 2003.

DALLEY, Stephanie. Myths from Mesopotamia: Creation, the Flood, Gilgamesh and Others. 4. ed. Londres: Oxford University Press, 2000.

[14] Embora o termo signifique "os dez grandes deuses", não há consenso sobre qual é a quantidade de deuses que compõe o Igigi. O Enuma Elish não faz menção precisa.

Poetici Dii

The Lady of Light – A Dama da Luz

Por Gerald Massey (1828-1907).[15]

STAR of the Day and the Night!
Star of the Dark that is dying;
Star of the Dawn that is nighing,
Lucifer, Lady of Light!

Still with the purest in white,
Still art thou Queen of the Seven;
Thou hast not fallen from Heaven
Lucifer, Lady of Light!

How large in thy lustre, how bright
The beauty of promise thou wearest !
The message of Morning thou bearest,
Lucifer, Lady of Light!

Aid us in putting to flight.
The Shadows that darken about us,
Illumine within, as without, us,
Lucifer, Lady of Light!

Shine through the thick of our fight;
Open the eyes of the sleeping;
Dry up the tears of the weeping,
Lucifer, Lady of Light!

Purge with thy pureness our sight,
Thou light of the lost ones who love us,
Thou lamp of the Leader above us,
Lucifer, Lady of Light!

Shine with transfiguring might,
Till earth shall reflect back as human
Thy Likeness, Celestial Woman,
Lucifer, Lady of Light!

With the flame of thy radiance smite
The clouds that are veiling the vision
Of Woman's millennial mission,
Lucifer, Lady of Light!

Shine in the Depth and the Height,
And show us the treasuries olden
Of wisdom, the hidden, the golden,
Lucifer, Lady of Light!

ESTRELA do Dia e da Noite!
Estrela da Escuridão que está morrendo;
Estrela da Alvorada que está se aproximando,
Lúcifer, Dama da Luz!

Ainda com o mais puro branco,
Ainda és tu a Rainha dos Sete;
Tu não caíste dos Céus
Lúcifer, Dama da Luz!

Quão imensa em tua luminância, quão brilhante
A beleza da promessa tu vestes!
A mensagem da Aurora Tu trazes,
Lúcifer, Dama da Luz!

Ajudar-nos a dissipar.
As Sombras que obscurecem sobre nós,
Ilumina dentro, como fora, a nós,
Lúcifer, Dama da Luz!

Resplandece através do cerne de nossa luta;
Abra os olhos do adormecido;
Seca as lágrimas daquele que chora,
Lúcifer, Dama da Luz!

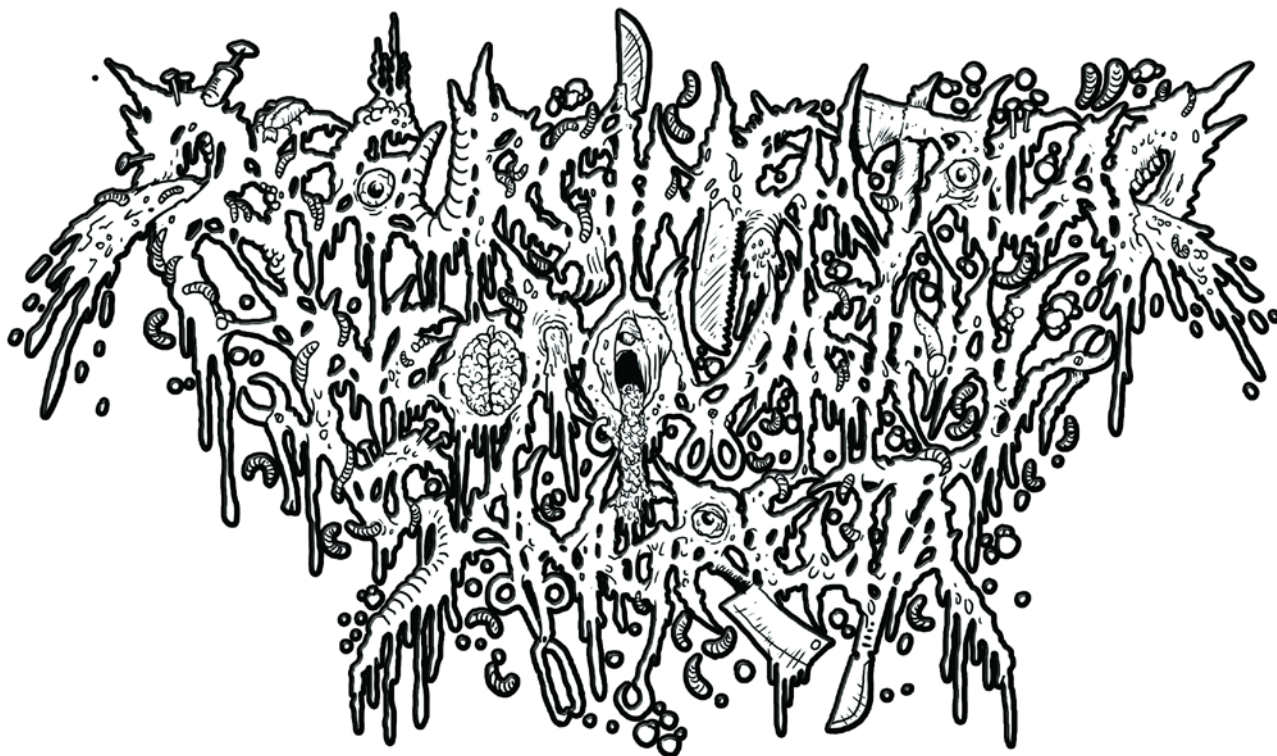
Purga com a pureza dos olhos teus,
Tu, luz dos perdidos que nos amam,
Tu, lâmpada do Condutor acima de nós,
Lúcifer, Dama da Luz!

Brilha em transformação poderosa,
Até que a terra reflita humana
Tua Semelhança, Mulher Celestial,
Lúcifer, Dama da Luz!

Com a chama de teu esplendor derrota
As nuvens que encobrem a visão
Da missão milenar da Mulher,
Lúcifer, Dama da Luz!

Brilhar na Profundeza e no Alto,
E mostrar-nos os antigos tesouros
Da sabedoria, o oculto, o dourado,
Lúcifer, Dama da Luz!

[15] *LUCIFER: A Theosophical Magazine. Londres: George Redway, v. 1, n. 2, 14 out. 1887.*

De Gangræna Sicca
Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta

Como surgiu a Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta? Qual é o atual lineup e em quais outras bandas os membros tocam?

A ideia de formar a banda surgiu em 2007 com o nosso baterista, Emanuel Kronéis. No entanto, ele não conseguiu encontrar ninguém para tirar o projeto do papel até 2013, quando o Ricardo Gore, nosso guitarrista, entrou na banda Incinerad, onde Emanuel também toca bateria. Como os dois possuíam gostos parecidos, a princípio o RxNxS seria formado apenas com um guitarrista e um baterista. O Emanuel, todavia, analisando melhor a proposta, já conhecia o Marcosplatter e sabia da experiência e do conhecimento dele no gênero, convidando-o também para fazer parte da banda e comandar o baixo. E assim, em 2014, foi formado o primeiro rascunho da banda. A entrada do Leandro Ogrish aconteceu, também, depois de um convite do Emanuel. Os dois tocavam juntos em um projeto ainda em atividade, chamado Saligia. Como o Leandro faz um gutural mais grave, o Emanuel acreditou que isso pudesse ser encaixado na banda. O Leandro, então, começou a frequentar os ensaios do RxNxS e acabou sendo incorporado como o frontman da banda.

A formação atual:
Emanuel Kronéis - bateria/vocal - também toca nas bandas Incinerad e Saligia.
Ricardo Gore - guitarra/vocal - também toca nas bandas Incinerad e Remords Posthume.
Marcosplatter - baixo/vocal - tem um projeto de one man band chamado Dicephalus.
Leandro Ogrish - vocal.

De Gangræna Sicca
Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta

Como vocês escolheram o nome Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta?

O nome é de autoria do nosso baterista, Emanuel Kronéis, e surgiu enquanto ele ouvia alguns sons do gênero, imaginando e pensando em coisas grotescas.

Muitos de nossos leitores não conhecem bem os gêneros musicais relacionados ao "gore" – eu, inclusive. Vocês poderiam nos dizer a qual gênero a RNS "pertence"? Quais são esses gêneros e quais suas principais características?

A banda pertence ao splatter death metal. É um som sujo, bruto e coeso. Em sua maior parte, os temas de goregrind, splatter e afins tratam de assuntos polêmicos e obscenos, além de, também, seguirem uma linha mais técnica, falando sobre tópicos de medicina e anatomia.

Como tem sido a repercussão da banda nos shows e a recepção da demo? Vocês esperavam por isso?

A repercussão nos shows e com o lançamento da demo foi bem maior - e melhor - do que imaginávamos. De certa forma, temos uma temática, tanto sonora quanto visual, diferente da que o público da região está acostumado e ouvir e ver. E isso, pelo menos é o que achamos, ajudou na hora de chamar a atenção do público, impactando quem estivesse na casa, que não esperava ser tomado pela nossa carnificina.

Vocês têm previsão para o lançamento de algum trabalho (CD, LP, K7, etc.)? Como estão sendo os ensaios e gravações? Quem está produzindo o som de vocês?

O lançamento do nosso primeiro álbum está previsto para o início de 2016 e já estamos em negociação com alguns selos. Sobre os ensaios, podemos dizer que são sempre produtivos e muito bem aproveitados, sempre regados com muita cerveja. E as nossas gravações, que já estão concluídas, bem como todo o trabalho de produção, ficaram a cargo do experiente André Diniz, do Elite Estúdio, em Indaiatuba, São Paulo.

Como as músicas são compostas? Quem escreve as letras e sobre o que elas falam?

As músicas surgem de maneira natural. O Ricardo Gore ou o Marcosplatter sempre aparecem com alguma ideia de riff e o Emanuel encaixa algum blast beat ou uma levada que se adapte na bateria. Enquanto isso o Leandro Ogrish já pensa em algumas formas de encaixar e revezar os vocais e o som vai se estruturando e se desenvolvendo até tomar forma. Sobre as letras, elas geralmente são compostas pelo Ogrish, e os temas abordados são as podreiras em geral, como escatologia, doenças, assassinatos e demais coisas grotescas.

De Gangræna Sicca
Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta

Há quem diga que as letras das músicas são secundárias nesse gênero musical. O que vocês poderiam nos falar sobre isso?

Nesse caso acreditamos que não é possível chegar em um consenso. Cada um tem sua opinião. No entanto, para a nossa música, tentamos sempre deixar o som encaixado com as letras. Nada é desvalorizado. Não deixamos a letra em segundo plano para tentar tirar proveito unicamente do som. Nossa ideia é disponibilizar um conjunto completo, uma cozinha muito bem organizada e tudo de maneira bem executada.

Quais bandas influenciaram vocês e o que vocês têm escutado ultimamente?

Nós sempre estamos em contato direto com diversas bandas, mas nem sempre voltadas ao death metal ou ao grind. Todos gostamos muito de diversas vertentes do metal, como heavy, thrash e black. No entanto, nossas principais influências são Brujeria, Flesh Grinder, Impaled, Exhumed, Haemorrhage, NervoChaos, Disgorge (Mex), Desdominus, Krisiun... Além de outras desgraceiras que sempre deixam o papai do chão feliz.

De Gangræna Sicca
Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta

Às vezes, ouvimos críticas sobre o cenário underground da atualidade. O que é o underground para vocês e qual é a relação de vocês com ele?

O underground é um estilo de vida, uma filosofia. É a nossa segunda casa. É o metal por paixão, sem frescura e sem modismos. É apoiar a cena independente se a banda que está tocando é do seu amigo ou não. É comprar materiais, frequentar os shows e depois tomar uma cerveja com a galera enquanto rola aquela troca de conhecimentos. Felizmente, nossa relação com a cena e especificamente com o underground sempre foi boa. Quem critica, talvez nunca tenha conhecido ou vivido essa experiência de verdade.

Na opinião de vocês, porque é tão difícil viver de música, especialmente em nosso país?

Viver de música não é difícil, vide os sucessos de sertanejo e axé e toda essa besteirada que chega ao mainstream e à grande mídia, que são facilmente engolidas pela sociedade preguiçosa - física e mentalmente. O difícil no Brasil é viver de metal, de boa música, com um som estruturado, letras críticas e ácidas. E o motivo... Sinceramente, não sabemos responder. É a cultura. Infelizmente.

Vocês acham que o fato de muitas pessoas baixarem músicas gratuitamente pela Internet acaba tornando mais superficial a admiração que as pessoas têm pela música? Poderiam explicar, por favor?

Há casos e casos. Existem pessoas que vão baixar um álbum, ouvir, e ficar por isso mesmo. No entanto, também existem aquelas que vão baixar, demonstrar um real interesse e gostar de verdade, procurando a banda para poder adquirir o material físico. Mas, como falamos, há casos e casos. Do mesmo modo que o álbum disponível na internet tire, de certa forma, o apoio financeiro da banda, ele também serve para divulgações onde talvez poderíamos nunca chegar, caso a música ficasse presa à mídia física. E falando sobre a admiração, também temos uma dualidade. Aqui, ela pode acontecer tanto com quem apenas ouve o material baixado da internet ou por aqueles que compram o CD e frequentam os shows. É difícil determinar as coisas nesse sentido, cada um é cada um.

Vocês tem tocado em vários locais nos últimos meses. Qual foi o momento mais marcante para vocês nessas apresentações?

Até o momento, felizmente, podemos dizer que todos os nossos shows foram marcantes, com uma clara evolução de todos os membros da banda. Sempre tivemos uma boa relação com os produtores/organizadores dos eventos e com o público, que sempre se mostrou recíproco à nossa energia em cima do palco. O apoio é sempre constante e só temos a agradecer pelas experiências cada vez melhores em todos os lugares por onde já passamos e espalhamos um pouco de sangue.

De Gangræna Sicca
Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta

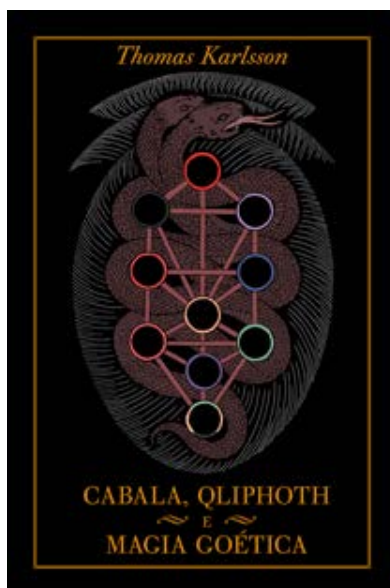
Pelo menos um de vocês estudou para ser legista, certo? Algum de vocês têm (ou teve) algum contato próximo com a morte, com cheiro da doença ou com a dor (própria ou de outrem)? Alguma experiência que possa nos relatar?

Sim. Nosso baterista, Emanuel Kronéis, estudou e trabalhou no Instituto Médico Legal (IML) de Santo André, em São Paulo. Ele sempre teve contato direto com a morte, lidando com corpos de pessoas que morreram de todas as maneiras, como doenças, mortes naturais, pessoas carbonizadas e baleadas. O Leandro Ogrish, nosso vocalista, também tem um certo contato, já que é jornalista policial e frequentemente tem que ir em alguma cena de crime, presenciando assassinatos de vários tipos e vendo corpos de todas as maneiras e estados de decomposição.

Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta, eu sou um franco admirador da música de vocês e agradeço muitíssimo por nos concederem essa singular entrevista. O espaço abaixo é livre para vossa Regurgimentação Necrovaginal Sangrenta!

Muito obrigado pelo apoio e pelo espaço cedido no Lucifer Luciferax. Foi um prazer e uma honra participar da entrevista. Queremos deixar um salve urrado e um grande abraço a todos que acompanham o zine e a banda, nunca deixando a chama do underground se apagar. Quem quiser entrar em contato, seja para marcar algum show, adquirir material ou só trocar uma ideia mesmo, pode nos procurar pelo Facebook (www.facebook.com/regurgimentacao) ou pelo e-mail regurgimentacao@gmail.com.

Cabala, Qliphoth e Magia Goética

Thomas Karlsson

Cabala, Qliphoth e Magia Goética é uma obra sem igual na literatura ocultista contemporânea, abrangendo filosofia, psicologia, religião e magia, resultado de muitos anos de estudo sobre os temas do título. Não se trata de uma simples introdução às artes mágicas, mas de uma abordagem profunda da filosofia cabalística. Os mistérios da escuridão e das Qliphoth, por tanto tempo reprimidos no misticismo ocidental, formam o tema central.

Ao invés de negar e ignorar a Sombra, o autor revela, passo a passo, como se pode conhecê-la para chegar a um conhecimento mais profundo do próprio Ser. Explorando a Sombra é possível transformar essa força destrutiva em um poder criador.

Além do símbolo da árvore da vida com as suas dez Sephiroth e vinte e dois caminhos, que representam os diferentes aspectos da psique, este livro inclui o lado obscuro da cabala, as dez Qliphoth e os túneis que atravessam o lado noturno da existência.

O problema do mal, o simbolismo da queda de Lúcifer e o processo de criação do ser humano são abordados sob a perspectiva cabalística. O autor descreve diversos exemplos de rituais, meditações, exercícios mágicos e correspondências ocultas.

Cabala, Qliphoth e Magia Goética contém mais de 100 selos, ilustrações e obras de arte, alguns dos quais foram criados especificamente para esta obra. Também contém uma coleção única de todos os sigilos demoníacos do "Lemegeton: A Clavícula de Salomão" e do mal afamado "Grimorium Verum", os clássicos das artes negras.

Esta nova edição, traduzida diretamente do original sueco, contém 5 capítulos adicionais: "Prefácio" por Kennet Granholm, "A invocação do Dragão", "Os quadrados mágicos", "Os sigilos qliphóticos" e "Le Dragon Rouge".

Onde adquirir: www.cophnia.com.br ou editora@cophnia.com.br.

Ut Hostibus Noceretur

Quimbanda Brasileira e o Satanismo Anticósmico, por T.Q.M.B.E.P.N

“O Culto aos Espíritos Despertos” Parte I

“Que V.S Maioral nos guie e não permita que nossas palavras corrompam a grandeza de Vossas legiões.”

Iniciamos esse ensaio agradecendo novamente o convite dessa revista eletrônica que demonstra tratar-se de uma das poucas publicações desprovidas de ‘mesquinharia’ intelectual. Nosso estimado Pharzhuph tem erguido uma bandeira eclética e edificante que tem sido fonte de apoio para todos os que comungam da Verdadeira Luz. Por tal motivo, acreditamos que certos assuntos de cunho esotérico e restrito podem ser vinculados a esse meio onde encontrão ‘terra fértil’ para germinar.

“Ambiciono que o idioma em que eu te falo
Possam todas as línguas decliná-lo
Possam todos os homens compreendê-lo.”

Augusto dos Anjos

O intuito desse ensaio é estabelecer uma relação entre dois sistemas magísticos distintos que possuem raízes em Tradições obscuras e que criaram ‘novas portas’ visando transmutar conceitos estagnados. A Quimbanda Brasileira praticada dentro do Templo de Quimbanda Maioral Beelzebuth e Exu Pantera Negra trata-se de um conjunto de ideias e práticas magísticas onde a Tradição e a Evolução caminham concomitantemente. Isso nos permite traçar paralelos e alcançar respostas de forma teórica, prática e comparativa. Estabelecer relações entre os Sistemas não significa segui-los como via evolutiva, tampouco, vincularmos ou camuflarmos o Culto de Exu dentro de outros parâmetros.

Entendemos que durante muitos anos a Quimbanda foi desenvolvida dentro de ambientes maculados, exotéricos, não fundamentados e estagnados onde as pessoas sorviam a seiva amaldiçoada que escorre pelas raízes da ‘Arvore da Vida’ enquanto estigmatizavam seu nome. Em diversos locais a prática se tornou um verdadeiro ‘teatro’ movido pelo Ego de seus participantes limítrofes que usavam as ‘máscaras de Exu’ para ocultarem sua sensibilidade à rejeição e aos sentimentos de insegurança quanto à auto-identidade. Lamentavelmente, muitos “terreiros/templos/casas” ainda vivem atrelados aos transtornos paranoicos, porém, V.S Maioral eclodiu sua “*primium-bivio itineris*” e expandiu a Quimbanda para dentro de círculos esotéricos sérios e dispostos a entrar em guerra contra a inércia e a sandice que norteia o Culto de Exu. Sabemos que em nome da estabilidade de suas mentiras alguns indivíduos insistem em proteger a forma de suas pedras cúbicas, mas a Verdadeira Quimbanda sempre estará disposta a rachar essa pedra e dividir seus fragmentos entre as Almas Ígneas.

Interpretamos a Quimbanda como uma via estrategicamente criada para produzir um embate interno e externo ao Sistema vigente através da quebra e modificação de conceitos éticos e morais e pelo direcionamento que os espíritos dão aos adeptos aptos às sendas da “Sabedoria Proibida”. Possibilitar evolução através da Sabedoria e incitar o embate a valores ultrapassados e estagnados faz da Quimbanda uma via Luciférica e Satânica que promove mudanças capazes de transformar as estruturas *egoicas*. Entretanto, não podemos confundir os traços paralelos com a própria essência do caminho espiritual. A Quimbanda é uma via Luciférica e Satânica, todavia, não pode ser confundida com Luciferianismo ou Satanismo.

Ut Hostibus Noceretur

Quimbanda Brasileira e o Satanismo Anticósmico, por T.Q.M.B.E.P.N

A Quimbanda é fruto de uma Tradição própria que envolve história, religiosidade, regionalismo e mescla cultural. Os fundamentos Satânicos e Luciferianos viventes em sua essência esotérica agem como adjetivos, ou seja, como qualidades existentes, invisíveis aos olhos profanos e ocultas sob as 'máscaras de Exu'.

Apesar de a Quimbanda ter sua construção particular, certos conceitos estão em concordância com os divulgados pelo Satanismo Anticósmico. O processo comparativo que traçamos neste ensaio visa corroborar com a quebra dos hipócritas valores enraizados de cunho alienador. Entendemos que informação gera mudanças internas que podem refletir externamente. Essas ações externas podem gerar mudanças nos fluxos pré-determinados pelo Sistema Escravista regente e de certa forma cria um embate às forças do Falso-Deus, cuja Corrente Anticósmica denomina 'Demiurgo'. A Quimbanda Brasileira entende que esse embate ocorre de quatro formas diferentes:

- Através da modificação alquímica interna dos adeptos;
- Por meio de ritualísticas evocatórias e invocatórias específicas;
- Pela emissão energética ocorrida no processo de incorporação;
- Através da ação individual e coletiva dos Mestres e Mestras que se encontram Assentados.

Acreditamos que quando um adepto compreende essas quatro formas de embate e através de seu comportamento procura corroborar torna-se uma poderosa arma viva, um elemento extremamente perigoso capaz de desestruturar uma parcela do Sistema. Esse raio de ação é variável, porém, todos que se dispõem à 'guerra' são considerados seres diferenciados.

Quando iniciamos o projeto da Quimbanda Brasileira e construímos o T.Q.M.B.E.P.N fizemos de forma consciente, pois víamos claramente certas rachaduras dentro do Culto que possibilitavam a infiltração gerando transformações nas formas de pensamento e ação. Acreditávamos que certos conceitos eram tão superficiais, errôneos e estagnados que marcaram a Quimbanda como algo repulsivo, um culto onde não existia evolução alguma, apenas uma possível amenização dos desejos através da exteriorização da vontade. Sob nosso entendimento, satisfazer esses impulsos faz parte da Quimbanda, entretanto, focar o Culto apenas para cumprir um papel amenizador limita e condiciona a ação das Correntes Ocultas por trás da Máscara de Exu. As experiências contrastantes do nosso cotidiano criam efeitos colaterais e esses geram os desejos, porém, existem inúmeras armadilhas que estão entre o próprio desejo e o processo de autoconhecimento. Sem o autoconhecimento toda função de embate ao Sistema, cujo pilar sustentador é a Sabedoria, torna-se equivocada e os adeptos acabam presos aos impulsos grosseiros.

A evolução dentro da Quimbanda é algo notório, porém, como estava muito atrelada à Umbanda (salvo em raras exceções), permaneceu marginalizada durante décadas. As publicações inerentes à Quimbanda são conceitos e visões deturpadas vindas através da mente deformada daqueles que jamais entenderam a função e o grau de Exu. As relações e comparações que tais escritores propagaram não se tratavam apenas de falta de compreensão, mas (sob nosso entendimento) de um erro proposital e limitador. Foi justamente nesse erro que enxergamos a fragilidade e, em nome da Luz Luciférica, decidimos desfigurar intencionalmente alguns conceitos para posteriormente propagarmos a verdade acerca das forças cultuadas na Quimbanda.

Assim, traçamos vários paralelos até concebermos algo –não estático– que pudesse alicerçar essa transformação mantendo em nossas essências as reais intenções resguardadas e guiadas pela fonte interna. Essa estratégia de infiltração e corrupção é retratada em algumas Ordens e Templos internacionais que propagam o Satanismo Anticósmico e tem como fundamento combater as energias do Aéon atual através de uma profunda modificação e despertar interno. Essa mutação (Alquimia) transforma o adepto em um portal vivo e ativo para a ação das forças espirituais rebeldes ao Sistema Vigente. Entendemos que cada adepto desperto age como uma 'gota de veneno' capaz de contaminar (no sentido de libertação) os 'reservatórios da massa cega que nada mais são do que poças de água parada'.

A 'gota que pode envenenar' visa à destruição e reconstrução sob novos patamares energéticos. Esse 'veneno' também age como libertador, pois quando começa contaminar (através de diversos meios) faz com que algumas pessoas enclausuradas aos Sistemas estagnados tenham contato com os fortes impulsos libertadores e dêem seus gritos de liberdade. Esse embate ocorre em razão da ação opressora emanada pelo "Falso-Deus" e seus agentes que ocultam e incitam a marginalização todos os Cultos religiosos que não servirem-no como fonte energética. A verdadeira essência necrosófica da Quimbanda foi guardada durante anos por aqueles que conseguiram um despertar interno intenso o suficiente para escapar das emanações provindas do "Falso–Deus". Esses antepassados, mesmo desprovidos de literatura, tinham o real contato com os espíritos e os separaram por Grupos, Reinos, afinidades e meios de ação. Mesmo com poucos recursos, deixaram-nos caminhos relevantes para uma nova geração dar prosseguimento nesse legado.

A história da Quimbanda foi feita por pessoas cujas almas emanavam uma energia diferenciada. Essa força é denominada 'Chama Negra', ou melhor, a própria essência de Maioral, a energia que afeta a Criação através da emanação desperta de seu portador. Os homens e mulheres chamados de 'Chama Negra' são regentes de seus sentimentos e abismos internos. Diferentes da grande massa, essas pessoas compreendem suas energias sombrias e as adaptam segundo suas necessidades. O Satanismo Anticósmico entende que a 'Chama Negra' (ou Fogo Acausal) é a força caótica que molda os Seres "Nascidos do Fogo" (Fireborns) fazendo-os transcender as limitações causais do Ego. O Ego, segundo essa Corrente, é condicionado apenas pela mente consciente, submissa às Leis do Cosmo, inimigo do 'Eu' obscuro. Anticósmico pode ser resumido da seguinte maneira: Define-se como todas as formas legítimas de combate à escravidão imposta pelo Sistema Demiúrgico, livres de dualidade e conceitos morais, éticos e religiosos, cujo objetivo principal é devolver ao Caos primordial todas as fagulhas usurpadas ilegitimamente na formação do Cosmo e de toda matéria, destruindo as estruturas sefiróticas, bem como findando os pólos de energia sustentadores da farsa universal.

Dentro dos ensinamentos da Corrente Anticósmica, entende-se que os portadores da "Chama Negra" são seres humanos que, apesar de possuírem uma força diferenciada, ainda enfrentam o escravista e cíclico processo de reencarnação. Dessa maneira faz-se mister aos seguidores dessa Fonte de Sabedoria fornecerem energias para que os seres enclausurados espiritualmente incitem seus núcleos imortais de tal forma que se transformem em Nexions ou Poderosos Portais capazes de permitirem às potencias caóticas (exteriores ao Cosmo) a manifestação nesse plano e a ação incisiva no processo de destruição do Sistema Escravista. A Quimbanda também tem essa função, entretanto, faz uso de rituais necrosóficos para que os Poderosos Mortos, denominados Exus e Pombagiras, sejam os condutores na busca pela Fonte de Luz.

Outra diferença é que a Quimbanda oferta aos seus adeptos a oportunidade de escapar do cíclico e escravista sistema de reencarnações inserindo o adepto nas Colunas de Maioral.

Dentre os conceitos citados nesse ensaio, destacou-se a figura do Quimbandeiro de Alma Ígnea, avesso aos padrões que combate suas limitações e barreiras morais. Esse adepto cuja 'Chama Negra' fica evidente no processo evolutivo possui qualidades que grande parte da humanidade não tem. Essa diferença entre os tipos de homens é fruto do estudo de seu comportamento, espiritualidade e relação social. Por mais que sejam os entraves que cerceiam a "mente" subversiva e inconformada com os ditames repressivos, o 'Chama Negra' busca através da revolta aos preceitos dogmáticos a libertação do estado de 'rebanho'. Esse espírito sabe que não é igual aos demais e sente o fogo do inconformismo consumi-lo incessantemente. Possui uma espécie de "blindagem" mental que incapacita aos inertes sistemas sócio religiosos qualquer tipo de manipulação e tem como característica principal a busca incessante pelos caminhos que conduzem à "Sabedoria Libertadora". De forma contrária, existem indivíduos institucionalizados, inertes, adoradores dos próprios medos e barreiras psíquicas, repletos de dogmas e conceitos morais enraizados, ignorantes, manipuláveis, espiritualmente cegos e gélidos interiormente.

Essa diferença entre os homens não se trata de um discurso de separação por raça ou etnia, tampouco, alimenta o nazismo ou o apartamento por castas sociais. Partimos do pressuposto que nosso ***trabalho espiritual*** visa despertar àqueles que possuem a 'fagulha obscura' adormecida presa nos "vasos de barro" ou invólucros materiais (corpos). Entendemos que transcrever a diferença entre os homens é um ponto importante para elucidar o verdadeiro espírito Quimbandeiro e para isso apelamos ao Conhecimento do Satanismo Anticósmico. Desejamos usar um conhecimento esotérico alicerçado para alcançarmos certas convicções. Entendendo a natureza dos homens compreenderemos a natureza do Culto aos Exus e mais profundamente a própria natureza de Exu.

Os Três tipos de Homem

Um dos termos usados dentro da Gnose Anticósmica para diferenciar dois dos três tipos de homens é: **Clayborn** e **Fireborn**.

Clayborn é um termo que designa os "nascidos da argila", ou melhor, os descendentes da linhagem Adâmica (terra/barro vermelho). Segundo a Tradição Satânica, a raça do barro é desprovida do Supremo Espírito/Essência da Chama Negra, portanto, composta de seres escravizados, alienados e submetidos ao ordenamento demiúrgico. São seres que prestam reverência e culto ao Deus Criador e mantenedor do Universo, o "carcereiro" de suas quintessências que os aprisionou num contínuo estado de hipnose, cegueira e renascimento. Tais seres estão submetidos à uma "Roda Arcônica" e não têm possibilidades de sorver o proibido néctar escarlate. Neste plano material, representam a grande maioria da humanidade.

Fireborn é um termo que designa os "nascidos do fogo", ou melhor, os portadores da verdadeira fagulha espiritual/**Azoth**/**Isfet**. São seres que buscam a transcendência do "Ego-consciência" da dualidade destruindo as amarras cármicas. Os "Nascidos do fogo" representam o embate ao sistema demiúrgico e ao mundo material, afinal, possuem inscrições primais em suas fagulhas que podem ser despertas vida-após-vida inacessíveis ao bastardo Demiurgo.

Ut Hostibus Noceretur

Quimbanda Brasileira e o Satanismo Anticósmico, por T.Q.M.B.E.P.N

São dragões adormecidos, aptos a despertarem e guerrearem em busca do Eterno Aeon Obscuro! Os poucos "**Fireborns**" possuem espíritos cujo pneuma é provindo da própria chama luciférica e representam uma parcela muito ínfima da humanidade.

Ao estudarmos outras tradições, encontramos reciprocidade na cultura Indiana, mais precisamente nas escolas de Tantra Yoga. Tais ensinamentos tipificam o temperamento do homem de acordo com a predominância de um "Guna", ou melhor, na forma em que a natureza se manifesta em sua plenitude e qualidades. Da interação desses "Gunas", a personalidade e o padrão de pensamento dos homens, bem como a qualidade de suas ações é formada. Os "Gunas" dividem-se em três aspectos qualitativos:

- **Sattva**: Derivado da palavra "Sat" (a verdade), tal Guna relaciona-se com a harmonia, pureza e tranquilidade. Figurativamente é o "Sol do meio-dia";

- **Rajas**: É o próprio dinamismo que aciona os dois demais Gunas. Relaciona-se com a ação, o movimento e a violência. Figurativamente é o "Sol Nascente";

- **Tamas**: É a inércia, a imobilidade e a solidez. Figurativamente é o "Sol Poente".

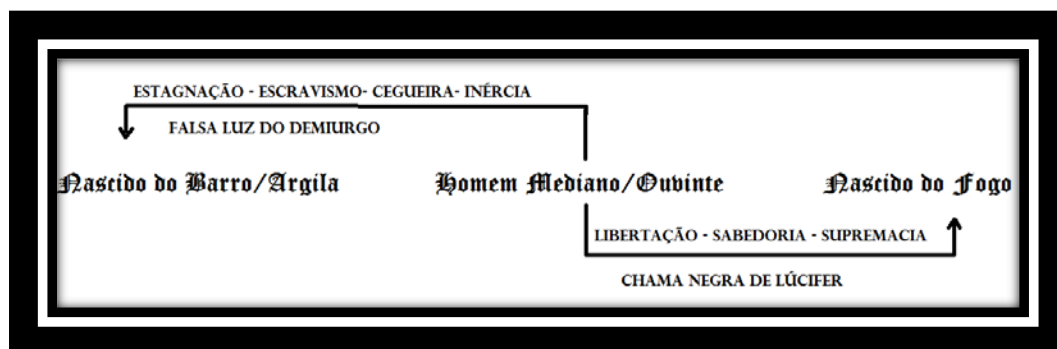
Apesar dos homens estarem sob a influência desses três "Gunas", os mesmos se diferem na proporção que agem na vida dos mesmos. Dessas proporções três tipos de homem são encontrados:

- **Pashu-bhava**: É o arquétipo correspondente ao "**clayborn**". Com influência direta de Tamas, o homem "Pachu" é atolado mentalmente. Confuso, ignorante e estático, é completamente amarrado ao meio social e incapaz de efetuar um julgamento desprovido de parâmetros pré-estabelecidos. Ignorante; pratica atos motivados pela "cegueira" e arca com suas costumeiras desilusões.

- **Vîra-bhâva**: É um arquétipo **mediano**, pois se encontra em constante guerra. Por ter um temperamento explosivo e entender seus desejos como metas, está em constante atividade e movimento. Por ser um amante do poder e, em determinados casos, extremamente apegado às conquistas, o homem "Vîra" pode ter uma tendência à escravidão e cegueira espiritual. Todavia, se equilibrar seu temperamento com "Sattva" gerará energia e conquistas em amplos sentidos apaziguando suas buscas.

- **Divya-bhâva**: É o arquétipo correspondente ao '**fireborn**". Com influência direta de "Sattva", o homem "Divya" é inteligente, desprovido de barreiras dogmáticas e apegos materiais. Apesar de ter coragem e aptidão para qualquer batalha, sua inquietude é apaziguada pela Sabedoria. Seu desenvolvimento espiritual, proporcionado pelo autocontrole das emoções, transformam-no num receptáculo de forças.

Após a compreensão das influências dos "Gunas" na personalidade dos homens, a Tradição Anticósmica acredita que entre o "**clayborn**" e o "**fireborn**" exista mais uma qualidade de ser humano. Esse homem está no limiar entre a cegueira espiritual e a Luz Luciférica libertadora. O homem mediano, através da Vontade, do árduo Trabalho e da Fé pode cair nas graças de Lúcifer para obter a Grande Sabedoria.

O homem mediano, chamado também como "**Psíquico**" ou "**Ouvinte**" (termos usados pela Corrente 218), por ter predisposição à guerra, tem capacidade de sair da inércia do sistema demiúrgico e despertar a centelha adormecida que reside em sua eternidade.

Conclusão

Para completarmos esse primeiro ensaio, vamos resumir outro aspecto fundamental para que a realidade Exu possa ser vislumbrada dentro de um círculo mais obscuro e esotérico. Historicamente, o nome Èsú já veio da África estigmatizado com o Demônio Cristão Satanás (Arqui-inimigo de Deus). No Brasil Colônia não seria diferente, ao contrário, esse Ser Astral recebe características dos também perseguidos Deuses Indígenas e de alguns demônios trazidos pelos Jesuítas e pelas bruxas e feiticeiros deportados pelo Santo Ofício. O processo de sincretismo tratou de fazer com que o nome do Òrísá Èsú se tornasse 'Exu': Um título para os espíritos obscurecidos que adentravam no culto aos mortos praticados no Novo Território. Esses espíritos em sua grande maioria não estavam conectados com V.S.Maioral, mas agiram como escravos, pois abriram portais para que os Poderosos Espíritos pudessem transpassar os véus, adentrar pelas mesmas portas astrais que os demais espíritos transpassavam e aos poucos, imporem certos conceitos que hoje vivenciamos com maior plenitude.

> *"Quando V.S. desejou, começou separar esses espíritos por afinidade. Maioral enxergou na ancestralidade africana a força apropriada para edificar um culto próprio. Dessa forma, aproveitando-se de todo contexto histórico e político que essa terra vivia nasceu, de um nome incompreendido, uma das religiões mais temidas da Terra: A Quimbanda. Quimbanda continua sendo o Sacerdote de Cura, mas essa cura não é para doenças físicas e espirituais, é a cura da cegueira e domínio do Ego. É a cura para uma doença que se chama escravidão."* (Coppini, Danilo.Quimbanda -O Culto da Chama Vermelha e Preta– T.Q.M.B.E.P.N, Editora Capelobo- SP.)

A Quimbanda foi uma resposta vinda através das forças externas. A verdadeira função dessa gloriosa vertente foi criar um ambiente astral onde os espíritos dos eleitos pudessem continuar em estado de guerra sem estar atrelados às sendas da reencarnação, ou seja, todo espirito com pré-disposição é arrebanhado, conduzido e desperto para guerrear contra as emanações do 'Falso-Deus'.

Dessa forma, os **Fireborns** e os **Ouvites**, puderam ter Espíritos afins para garantir suas evoluções através do culto da Quimbanda. Por isso, entendemos que os **Clayborn**s que se envolvem com cultos como a Quimbanda ou outra vertente afro-brasileira, possuem em seu enredo espíritos de **Clayborns (presos)** e os **Fireborns**, espíritos despertos (livres), verdadeiros Mestres e Mestras. Aqui fica explicada a grande diferença na ação dos Exus e como o astral se modela de acordo com afinidades energéticas.

Finalizamos alegando que existem muitos laços que nos unem ao Tradicional Satanismo Anticósmico, porém, o mais relevante de todos é essa escalada espiritual e a forma de infiltração e envenenamento que está sendo feito por diversos Templos e Ordens. A Quimbanda é cíclica e renasce cada vez que um muro rachado não suporta a pressão dos Sete Reinos de Maioral e cabe aos Verdadeiros Quimbandeiros continuarem desbravar os planos obscuros em busca de gnoses e forças inacessíveis aos clayborns.

Dignus Cantari

Summum Heredis, por Taijasa

Letras de composições do álbum **Summum Heredis**, gentilmente cedidas por Taijasa e Summum Heredis.

Summum Heredis

A rebelião começou
A maçã foi mordida
O fogo foi aceso
A morte é minha
A vida é minha
O discernimento é meu
O reino é meu

A chama não apaga
Herdamos o conhecimento através da dor
Pagamos pelo preço da vida
Com sofrimento

Agora... minha chama está reluzente

Pela serpente do éden
Pelo fogo de Prometeu
Sou fragmento de luz
Herdeiro Supremo

Os deuses gritam através de minha boca
Os mundos se cruzam
O jarro transbordou
e a peste se espalhou
O caos consumirá os mundos
Extinguira os vermes
Que se alimentam de restos

Pela serpente do éden
Pelo fogo de Prometeu
Sou fragmento de luz
O Herdeiro Supremo

Summum Heredis

The rebellion has begun
The apple was bitten...
The fire was lit
The death is mine...
The life is mine
The discernment is mine
The kingdom is mine

The flame doesn't off
We inherited ... the knowledge through pain
we pay the price of life
With suffering

Now ... my flame is gleaming

By the serpent of Eden
By the fire of Prometheus
I'm a fragment of light
Summum Heredis

The gods scream through my mouth
The worlds cross each other
The jug overflowed
and the pestilence has spread
The chaos will consume the worlds
Shall exhaust the worms
That feed on the remains

By the serpent of Eden
By the fire of Prometheus
I'm a fragment of light
Summum Heredis

https://www.facebook.com/SummumHeredis

Dignus Cantari

Summum Heredis, por Taijasa

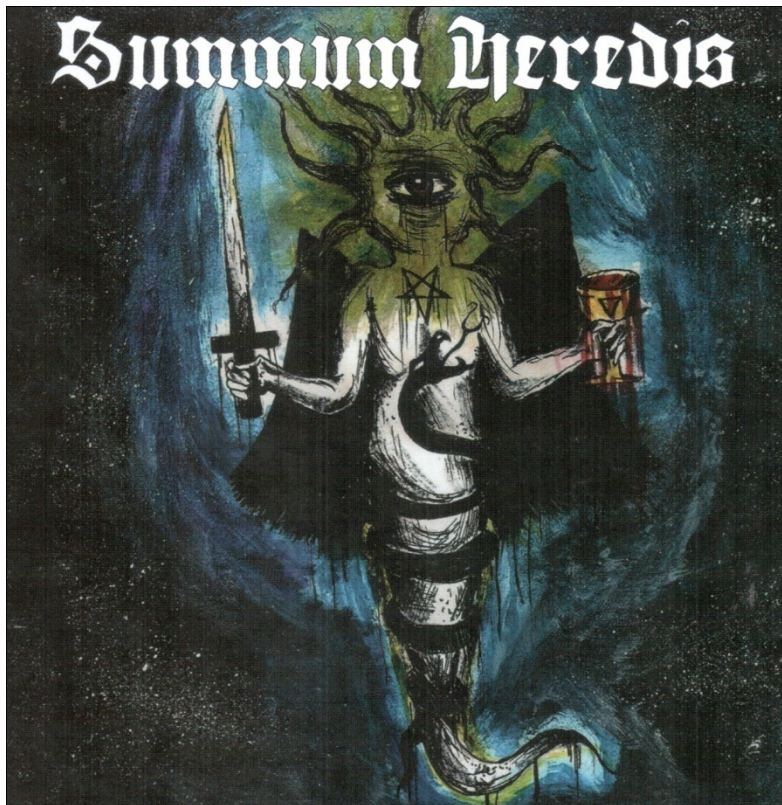



Ilustração de **Anderson Lucifero** para a capa do álbum

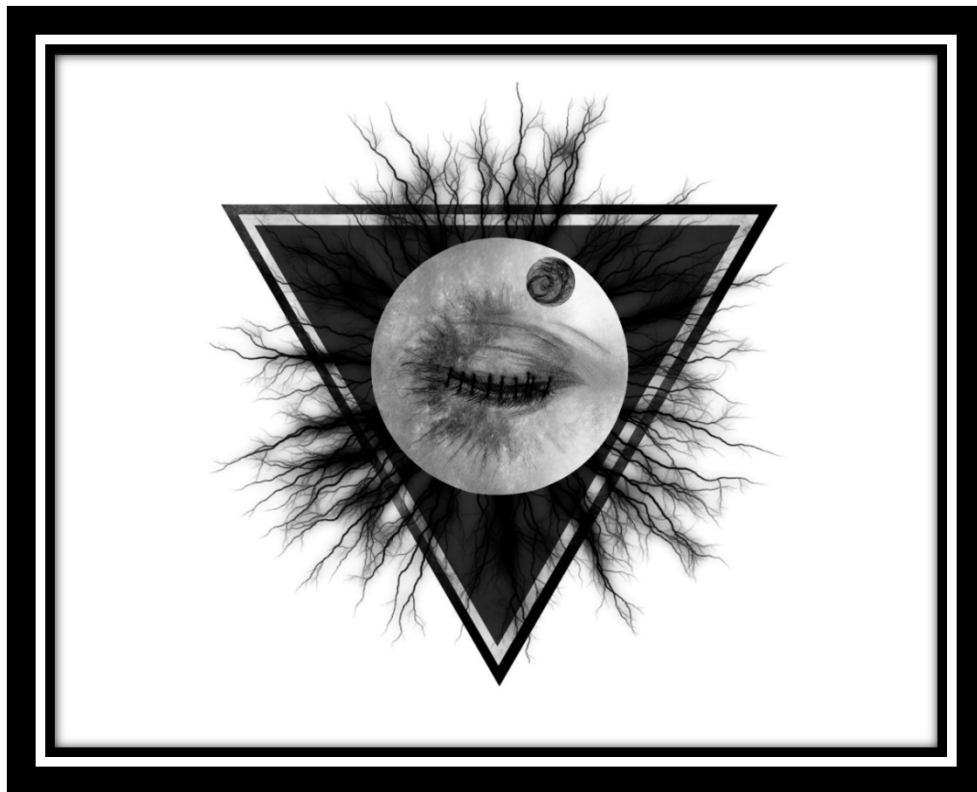
Onde os ventos cantam

A noite cai
A Lua sangra
O céu está escuro e vermelho
Do alto da montanha
tudo esta tão perto
As árvores dançam
Onde os ventos cantam
Este é o berço da essência
Os ventos, a essência, a escuridão, o sangue...
Somos um só
O tudo e o nada
Onde os ventos cantam
Minha essência ascende
Caos microcósmico
A escuridão oculta a luz
Onde os ventos cantam
É meu
Sou eu

Where the winds sing

The night falls
The Moon Bleeds
The sky is dark and red
From the top of the mountain
everything is so close to
The trees dance
Where the winds sing
This is the cradle of the essence
The winds, the essesnce, the darkness, the blood...
We are only one
The everything and nothing
Where the winds sing
My essence rises
chaos microcosmic
The darkness hides the light
Where the winds sing
It is my
I'm

Aurati Imbres

Entrevista Umbrarigae, Black Metal

Conte-nos como surgiu o Umbrarigae. Como Izaltigae, Vulpekula e Ursus se conheceram e se reuniram?

Umbrarigae surgiu em meados de 2010 com o reencontro de Izaltigae e Vulpekula, antigos membros da banda Pérgamo (1997-2006), em seguida juntou-se a nós o baterista Ursus, um velho conhecido, fechando assim nosso círculo de composições.

Qual é o significado do nome Umbrarigae?

O significado literal é composto por um trocadilho de Umbra (sombra em latim) e Arigae ou Aurigae (o que conduz, cocheiro em latim).

Também nos baseamos na astronomia ligada à estrela Epsilon Aurigae que é cercada de mistérios sobre um objeto e a sombra que lhe acompanha.

Em 2015 vocês finalizaram o álbum After Me, the Innocence que é a primeira parte de uma trilogia. Qual é o conceito por trás dessa trilogia? Há mais trabalhos da banda (demos, coletâneas e/ou ensaios)?

Queríamos que nosso trabalho fosse original também no modo de seu lançamento, optamos pela trilogia para ditar as regras dos temas tratados em três discos, porém isso não quer dizer que um álbum soará igual ao outro.

Aurati Imbres

Entrevista Umbrarigae, Black Metal

As composições do Umbrarigae abordam quais assuntos? Izaltigae “centraliza” a criação das letras por algum motivo? Como as músicas são criadas?

Apesar de cada membro ter seu papel no projeto, tudo é acordado e dividido profissionalmente, pois senão o termo banda começa a cair. Por ser vocalista tenho facilidade em escrever os temas, por isso fiquei com esta função tão honrosa. No primeiro trabalho já tinha as letras prontas há vários anos, e algumas musicas em processo. Não abri mão de partes das letras serem limadas em prol do instrumental. Agora, no After Me, The Truth, estamos com nove músicas prontas, sem letras, assim farei o processo ao contrário para que as letras trabalhem a favor do instrumental.

As músicas nascem em um simples estúdio na minha casa apelidado carinhosamente como "Cativeiro do Satanás" e depois disso levamos para ensaiar no estúdio fechado.

A atual formação da banda é Izaltigae, Vulpekula e Ursus. Em tempos passados houve outro guitarrista. Vocês pensam em recrutar novos membros? Em quais outros projetos musicais os membros estão envolvidos?

Sim, já tivemos alguns amigos envolvidos no projeto, mas acabamos no trio.

Ideias para novos projetos não faltam, o problema é tempo, então tentamos focar no Umbrarigae e trazer algo realmente significante para o metal extremo sem perder o foco.

Estamos a procura de mais um membro há tempos, mas realmente é trabalhoso achar alguém que encaixe na engrenagem do nosso tanque de guerra.

Vocês são músicos bem experientes, porque não há shows do Umbrarigae (ainda)?

No início o que mais se quer é subir em palcos. Isso é importante, mas sinceramente, já passamos esta fase de empolgação com nossa antiga banda. Tornamo-nos exigentes no que diz respeito à apresentação, qualidade do som, comprometimento de público e organizadores. É chato em pensar que mais vale um bom ensaio de criação do que um show que só te deu dor de cabeça e sem público pra divulgação.

Isso não quer dizer que nunca vamos fazer shows, mas Bathory que o diga o tão grande a banda se tornou em cair na estrada!

Por isso tentaremos lançar nosso trabalho com qualidade e se estivermos no palco será o mesmo requisito.

Aurati Imbres

Entrevista Umbrarigae, Black Metal

O que vocês pensam sobre o cenário underground brasileiro atual, especialmente sobre o Black Metal?

Percebemos que ainda há a falta de camaradagem entre as bandas da mesma região, onde alguns insistem em dizer que tem união.

Enfim, talvez isso seja processo natural para se reinventar do zero e acabar com os conceitos distorcidos que acrescentaram ao Black Metal, onde trocaram chocar em diversão e guerra por paz.

Ocultismo, contracultura, satanismo, magia negra e questionamento religioso são peculiares ao Black Metal. Vocês poderiam nos falar sobre as influências filosóficas de vocês? Falem-nos um pouco sobre essa aura de misantropia que encobre o Umbrarigae?

Todas essas influencias estão dentro do Umbrarigae, no primeiro álbum trabalhamos a inocência ligada ao mal e fantasia. Agora estamos juntando as peças da verdade de homens e animais para o After me, The Truth.

Porém com o tempo de evolução podemos resumir tudo em uma palavra: LIBERDADE!

Nada dita as regras dentro da nossa música, já temos mais regras e leis fora da banda do conseguimos aguentar.

Cada membro da banda divide seu sentimento nas composições, mas isso só pode ser completo dentro de cada um.

Depois que você cria a música ela não é mais sua e sim de quem escuta, queremos passar este sentimento único para cada indivíduo que nos ouve.

Aurati Imbres

Entrevista Umbrarigae, Black Metal

Quais bandas os influenciaram e quais bandas atuais vocês têm ouvido (e gostado)?

Poderíamos citar só clássicos, mas ficaria óbvio demais. Vamos de trabalhos "menos" conhecidos:

Clandestine Blaze: lembra do quanto Darkthrone era foda? Isso é cru e ríspido em pleno 2015.
Urfaust: todos aguardávamos um retorno do velho Burzum, isso cobre sua falta com apenas dois integrantes.
Craft: mais matador quanto o novo Mayhem.
Ancesion: pra ser um clássico tem que soar original.
Aosoth: produção impecável sem perder as origens.
Chaos Invocation: bela surpresa na primeira audição.
Leviathan: velho de guerra se renovando a cada trabalho.
Triptykon: a evolução do Celtic Frost.
Thulcandra: tributo ao saudoso Dissection.
Patria: o Brasil ainda não está acabado.

Quantas vezes apreciamos imensamente um trabalho e nos decepcionamos nos próximos passos do criador. Isso não importa mais, aquele trabalho se transformou e agora é seu!

Agradeço profundamente aos Irmãos Izaltigae, Vulpekula e Ursus por nos concederem essa indispensável entrevista. Deixo o espaço livre para suas palavras finais!

Fico eternamente grato pelo seu espaço, caro amigo, espero encontrar mais pessoas como você nesta jornada, e posso falar com propriedade pelo tempo que te conheço, será foda encontrar!
Abraço!
Izaltgae

https://www.facebook.com/Umbrarigae-1388765358110225

Mortis Honor

Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Por T.Q.M.B.E.P.N e Pharzhuph

Pela honra de Maioral de Todos os Infernos!

Refleti por dias sobre como abordar esse importante e poderoso ritual nas páginas da Lucifer Luciferax e optei por redigir parte do texto utilizando a primeira pessoal do singular, pois estive eu também imerso, enredado e comprometido com a profunda experiência mística com a qual lidamos no decorrer dos rituais e de nossa trezena maldita.

Há muitos anos percorro a via sinistra do Caminho da Mão Esquerda e poucas vezes me deparei com um projeto coletivo de tamanha magnitude. Reunimo-nos em praticantes de dez países, mais de trezentos indivíduos iniciaram a primeira parte do projeto e pouco mais de um terço alcançou o segundo estágio. Como esperado, nem todos conseguiram partilhar da experiência sagrada com os poderosos Mestres Ancestrais.

Através desse rito pude reencontrar minha essência ancestral e reaver consciência sobre minha verdadeira origem no seio dos antigos dragões do caos primevo junto aos outros que de lá procederam.

Um processo alquímico de dissolução, morte e ressurgimento. Uma ação continuada onde pudemos experimentar o exício, a dor agonizante do renascer, a profundeza do Abismo e o contato direto com nossos Mestres Ancestrais.

O projeto foi organizado especialmente por Danilo Coppini e pelo Templo de Quimbanda Maioral Beelzebuth e Exu Pantera Negra e contou com a colaboração ímpar de Francisco Facchiolo Lima, Bruno Neves Oliveira, Edgar de Kerval, Néstor Avalos e minha.

Definições e Conceitos

"Sereis assim e como sois então fomos nós!"
Por T.Q.M.B.E.P.N

Dentre as crenças que descrevem as mudanças sutis e drásticas dos estados de consciência destaca-se a Quimbanda Brasileira. Tais mudanças ocorrem principalmente através do constante contato entre os vivos e os Poderosos Mortos os quais nossa Tradição nomina como Exu e Pombagira. A ação desses espíritos, por mais simples que sejam, produz uma alteração progressiva através dos aspectos experimentais e esses fenômenos produzem a quebra da previsibilidade causal e a expansão excepcional da mente dos adeptos.

Todos os rituais, repletos de "pontos-de-contato" simbólicos, tem por finalidade reproduzir uma determinada densidade energética existente em "Pontos-Estágios" materiais e astrais, ou seja, quando se evoca/invoca determinada força através de Pontos Riscados (Sigilos) e Cantados, rezas, uso dos quatro elementos, sacrifícios, dentre outras vias ritualísticas, desejamos modificar a estrutura do ambiente em que nos encontramos tornando-o compatível com a energia do espírito, Legião ou Reino que evocamos. Todo esse esforço visa proporcionar à força que desejamos contatar uma faixa vibratória compatível em amplos aspectos.

Mortis Honor

Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Por T.Q.M.B.E.P.N e Pharzhuph

Além desses aspectos, os rituais proporcionam a reunião, a atitude correta diante ao espiritual e uma forma incisiva de quebrar as correntes do "Eu" em busca do encontro com nossos ancestrais venerados ou poderosos espíritos.

O contato espiritual somado ao estudo, constante busca pluricultural e a uma intensa dedicação à expansão da consciência visam ampliar as 'encruzilhadas' obsoletas, desmistificando os tabus que envolvem o Culto da Quimbanda, em especial, as práticas mortuárias ou necromânticas. "Morrer tornou-se uma Arte muito mais bela e rica do que viver!". Com essa afirmativa, vinda através do contato com Exu Lúcifer, entendemos que a cartografia e a compreensão do mundo dos mortos são de extrema importância para os adeptos que desejam se aprofundar nos Grandes Mistérios. Para isso é necessária uma preparação física, psicológica e espiritual capaz de reproduzir a aniquilação biológica para posteriormente ser derramada a Luz Luciférica do renascimento espiritual. Estamos tratando de um processo iniciático gradual onde o feiticeiro se torna sua própria sombra.

Nosso Templo entende que a Quimbanda possui atributos muito similares a cultura hindu, principalmente no que tange à inversão dos valores atribuídos aos vivos e mortos. Morrer significa libertar-se da Ilusão (que no hinduísmo é representado pela Deusa Maya) e, para alguns, seguir adiante de forma evolucionista. Assim, torna-se condição primordial a compreensão sobre a viagem póstuma e sobre a ação e reação nos Campos Astrais de V.S Maioral. A consciência sobre a temporalidade age como inimiga do desconhecido e do escravismo linear.

Toda essa alquimia mortuária visa aliviar nosso sofrimento mental e deixar em nossos subconscientes as "chaves" que abrirão comportas capazes de intensificar e acelerar a mente para que nos encontros com a Morte e suas eventuais provas e julgamentos pouco habituais não façam do adepto um joguete entre o "bem e o mal". Também existe a preocupação em mostrar aos adeptos vivos que o primeiro contato com a Luz de Lúcifer pode ser a única maneira de iniciar o processo antiescravista.

A condução ao "mundo dos defuntos" de forma gradativa e estruturada permitirá aos adeptos que tenham infinitas fontes de sabedoria, tanto ancestrais quanto não humanas. Isso fará com que os envoltos na mortalha invisível do Rei da Kalunga tenham completo domínio da 'Realidade Objetiva' e do 'Mundo Sobrenatural'.

O Reino dos Mortos – O Império da Kalunga
Por T.Q.M.B.E.P.N

Kalunga é uma palavra de origem africana (Bantu) cuja tradução assemelha-se ao "Mundo dos Mortos". Essa palavra é abrangente e também sinaliza as águas que dividem os mundos dos vivos e dos mortos. Acreditamos que ao atravessar o mar nos navios negreiros, os escravos africanos entendiam que estavam atravessando a Kalunga e, em razão das viagens serem longas e de muitos morrerem vitimados por doenças e violência chamavam o mar de 'Kalunga Grande' (os corpos eram jogados ao mar). Devemos lembrar que milhares de negros jamais haviam visto o mar o que tornou essa concepção muito mais marcante para a criação de novos conceitos.

Mortis Honor

Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Por T.Q.M.B.E.P.N e Pharzhuph

O povo africano antigo professava a crença da sobrevivência da alma após a morte física. Os mortos, dependendo da forma ao qual faleciam, tinham força para intervirem na vida dos vivos. Da mesma forma, os ameríndios professavam crenças similares. Se estudarmos ambas as culturas entenderemos que as causas e consequências de diversas passagens estavam relacionadas aos antepassados. Diante a todas essas mudanças, um Deus Bantu, considerado o Senhor dos Mortos, em alguns lugares chamado de Kalunga-Ngombe possivelmente seja a 'raiz' que explica o uso da palavra Kalunga tanto para os cemitérios quanto para o mar: A Terra de Kalunga-Ngombe, a morte, as pestes, o ceifador de rebanhos.

Um detalhe interessante de expormos também encontra explicação na cultura religiosa Bantu. Quando um espírito familiar desencarna torna-se um ancestral divinizado, considerado um fantasma familiar. Esses espíritos são nomeados de Makungos. Ao longo das gerações esses espíritos perdem suas estruturas individuais e passam compor outras classes de espíritos. Dentro do enredo da Quimbanda praticada pelo T.Q.M.B.E.P.N, entendemos que essa descaracterização da individualidade é exatamente o processo pelo qual Exus e Pombagiras são submetidos antes de adentrarem a uma Legião/Povo. Segundo os Bantus, dentro dessas novas classes de espírito encontram-se os Mwene-Mbago, ou melhor, os espíritos masculinos e femininos que estão nos bosques e florestas. Isso ocorre porque os mortos eram enterrados no alto dos vales e as árvores desses locais são consideradas sagradas guardiãs, inclusive recebendo oferendas e orações. Os africanos acreditavam que nos troncos dessas árvores habitavam espíritos poderosos que guardavam os mortos e poderiam ser extremamente cruéis com aqueles que desrespeitassem esse espaço. Essa crença assemelha-se muito com a forma que os ameríndios celebravam seus mortos.

Em um relato histórico do Jesuíta J. Cabral (1713) encontramos um texto afirmando que em determinados locais próximos aos rios os índios teciam a crença que as figueiras eram o habitat de seus mortos e quando o vento as balançava era como se os mortos dançassem para os vivos.

Um dos principais "Pontos-de-Força" da Quimbanda Brasileira é o Cruzeiro das Almas. A palavra "Cruzeiro" remete-nos às cruzes de pedra ou de madeira erguidas nos adros das igrejas, nas praças, estradas e cemitérios. No Brasil, o culto à "Santa Cruz" teve início através do processo de colonização portuguesa. Na Europa antiga, as cruzes eram símbolos de proteção e foram largamente usadas como marco de divindade, pois assinalavam e santificavam os territórios dantes tidos como selvagens pelos cristitas. Todo processo de urbanização estava intrinsecamente conectado a elevação das cruzes. Segundo a pesquisadora Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos (Universidade Federal de Minas Gerais), o culto as Almas prestado diante das cruzes ocorreu no fim dos seiscentos da era cristã em Portugal. O início dessa Tradição nasceu justamente no alto das montanhas sagradas onde os mortos encontravam seus caminhos espirituais. Acreditamos que dentre as árvores, a mais frondosa era um grande portal e funcionava como um Cruzeiro, afinal, as árvores são símbolos de evolução espiritual e continuidade, assim como as cruzes. Muitas culturas antigas compartilham a crença de que os mortos deveriam escalar a montanha para chegar ao Reino dos Deuses. Da mesma forma, acreditavam que a 'Terra dos Defuntos" poderia estar acima dos rios ou atrás das grandes montanhas. Podemos retratar isso através da lenda dos "Eternos Campos de Caça" onde os índios mortos, após escalarem uma montanha íngreme e cansativa, encontravam uma terra farta de caça, água pura e descanso.

Mortis Honor

Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Por T.Q.M.B.E.P.N e Pharzhuph

O cristianismo usurpou de vários fundamentos pagãos – e isso não é novidade para os adeptos – e dentre os mesmos encontra-se a ideia de que Deus (o Falso-Criador) habita no Céu, também conhecido como paraíso. No culto hebreu (também retratado na Bíblia) temos a passagem onde Moisés sobe o monte para ter contato direto com Deus. O próprio Jesus também firmou seus pés na montanha para dar o sermão, ou seja, as montanhas sempre foram lugares místicos e poderosos.

A fusão cultural ocorrida através do sincretismo solidificou alguns desses aspectos. O primeiro é que a prima Kalunga estava localizada na mata, guardada pelos espíritos poderosos que habitavam em árvores. Tanto para os índios, quanto para os africanos esses locais eram sagrados e os espíritos residentes em tais locais poderiam ser uma fonte inesgotável de conhecimento e sabedoria. Por isso os líderes espirituais recorriam aos mesmos para a cura de doenças, quebra de feitiços, abertura de caminhos, dentre outras solicitações. Assim os mortos eram celebrados e recebiam muitas oferendas que lhes rendiam energia para prosseguir o compartilhamento de sabedoria. Difere-se do conceito vindo dos europeus que consideravam os cemitérios lugares mal-agourados, de tristeza e saudade, pois suas culturas não veneravam (pós-pagã) os mortos como se estivessem vivos. Os cemitérios eram lugares gélidos, escuros, repletos de lembranças onde figuras religiosas simbolizavam sentinelas nas tumbas. Os dois cenários se fundiram na Quimbanda Brasileira. Os cemitérios são chamados de Kalungas e, ao mesmo tempo em que existem ritos para celebrar os mortos, ocorrem ritualísticas para se evocar as forças obscuras e mortíferas para se atacar alguém em amplos aspectos.

Como já é sabido por muitos, nosso grupo (T.Q.M.B.E.P.N) possui uma Tradição moldada não só nos preceitos tradicionais da Quimbanda como em fundamentos esotéricos de Tradições obscuras. Entendemos que os cemitérios são solos sagrados onde a carne se putrefaz e o espírito ascende. Nesse solo é que são separados os espíritos com essência ígnea daqueles desprovidos de força, cuja vida material foi cerceada pelo comportamento frio do barro. As tumbas e sepulcros são aberturas para os reinos Ctônicos governados pelos Grandes Mestres Exus e Pombagiras. Cada pedaço desse solo é carregado de poder e possui uma gerência diferente; a Terra, a poeira, as lascas de sepulturas, os vasos, cruzes, veleiros, flores e plantas que ali residem. Isso tudo tem um governo que na nossa Tradição é feito pelos Exus Reis da Kalunga (ou Exu Omulu Rei) e pelas Pombagiras Rainhas da Kalunga. Esses espíritos estão sob a graça da própria Morte, cujo entendimento se trata do Grande Ceifeiro ou o Primeiro Coveiro. Esse para nós chama-se Qayin, entretanto, não nos aprofundaremos nesse assunto.

Entendemos que o Reino dos Mortos é um local onde diversas energias se manifestam, mas em geral trata-se de um local com uma atmosfera mais silenciosa e densa. Existe movimentação, entretanto, a polaridade que governa esse Reino é mais receptiva (-). Vemos isso claramente quando estudamos os pontos riscados dos Exus. Na maioria possuem garfos arredondados o que demonstra seus domínios de drenagem energética. Os espíritos arrebanhados para o trabalho dentro do reino da Kalunga são mais sombrios que os demais, apesar de serem guerreiros e feiticeiros de grande conhecimento magístico. Tais espíritos dominam muitas artes proibidas e são exímios manipuladores de correntes energéticas. Conhecem as artes da cura e da doença e podem ser evocados e invocados em diversos casos. Alguns se apresentam astralmente como caveiras o que demonstra seus altos graus de desprendimento mundano e o governo de diversas etapas do processo de desprendimento material.

Mortis Honor

Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Por T.Q.M.B.E.P.N e Pharzhuph

Dentro desse Reino encontramos as conexões ancestrais com os espíritos similares e o trabalho magístico pode se tornar muito mais amplo e poderoso. Exigem respeito acima de tudo! Nada deve ser retirado da Kalunga sem a anuência desses guardiões, pois pode fazer com que os mesmos descarreguem suas iras na forma de emanações energéticas. Para isso usam de almas obsessivas, ameaçadoras e vingadoras. Esses são escravos dos Exus/Pombagiras da Kalunga até que sua obsessão diminua de intensidade e o mesmo seja conduzido para um Mestre Preparador a fim de ascender como Exu.

Propósitos do Ritual

Eke a pá eleké
Odalê a pá Odalê!
A mentira matará o mentiroso
A traição matará o traidor!

- Proporcionar conhecimento sobre as práticas necrosóficas e mortuárias contidas na Quimbanda Brasileira.
- Apresentar aos adeptos formas reais de contato com sua ancestralidade divina.
- Estimular a mente através de rituais e fórmulas sonoras para o contato com o "Vale dos Defuntos".
- Desmistificar um culto raso e com fundamentos incertos.
- Despertar as fagulhas adormecidas de Exu e Pombagira em todos que rasgarem os véus, independente do país, origem e ancestralidade.
- Recriar conceitos estagnados e findar todo tipo de descriminação demonstrando que os Poderosos Mortos transcendem nossas limitações.

Considerações Sobre o Ritual

Não é nossa intenção descrever aqui ritual e trezena. Optamos por dar voz incógnita aos participantes e deixá-los explanarem as próprias experiências. Os relatos ora apresentados foram levemente revisados textualmente e seus autores suprimidos da redação.

Relatio Gratiæ

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Anonymus

Primeiro Relato

Relato escrito em 02/11/2015 por volta da hora grande da meia noite.

Registros e impressões foram realizados imediatamente após o ritual.

(...)

Após ler o projeto pela primeira vez, antes ainda de sua divulgação efetiva, tive somente um impulso: preciso fazer isso, agora!

No domingo, dia 01/11/2015, estive um tanto preocupado sobre como reunir os materiais necessários, mas verifiquei que tinha tudo à mão e os itens mais difíceis de encontrar num domingo, numa cidade do interior de São Paulo, "surgiram" em locais incomuns. No decorrer do dia estudei o ritual e pensei sobre os preparativos que deveria fazer com antecedência. Ainda no domingo comecei a sentir uma presença forte, algo que há alguns anos eu não sentia com tamanha intensidade, eu traduziria essa sensação como a capa de Maioral cobrindo aqueles cujas essências dele procederam. A sensação de que a Luz interna do adepto e do nativo da escuridão brilha forte ainda e que há muito para lapidar e polir.

A segunda-feira de finados chegou trazendo a fina chuva de novembro, sombria, fria como as lágrimas que escorrem dos olhos daqueles que pranteiam entes queridos que se foram.

No decorrer da tarde realizei dois exercícios de natureza sexual para aumentar a energia interior para a realização do ritual. Procurei não desperdiçar nada, nenhuma emissão foi realizada e a condição emocional da contraparte (yoni) era tal que a natureza da energia aumentou sua potência.

Por volta das 19:30 iniciei os preparativos, fiz os desenhos à mão, separei os materiais e arrumei o aposento. A música Chthonic Transmission (Abysmi vel Daath), do projeto Emme Ya, composta por Edgar Kerval, já ressoava no ambiente.

O banimento foi realizado de maneira tríplice utilizando a fórmula: "*Eu conjuro as forças ancestrais da Quimbanda para adentrarem nesse recinto e através do poderoso garfo de Exu dizimarem as energias inertes e nocivas. Pelo fogo, ar, água e terra que cada pedaço, fresta, rachadura ou vão possa ser preparado para o chamado dos Reis! Laroyê Exu!*". Optei por utilizar defumadores de mirra e por ser fiel ao banimento sugerido. Tomei um banho somente com água e conduzi o ritual completamente nu.

Embora eu sentisse uma grande quantidade de energia interna, eu não me senti ansioso no decorrer do ritual. Permaneci com atenção focada, vontade firme, fé e crença.

Conduzi o ritual tranquilamente até a visualização do ponto riscado da comunhão com os Mortos. Fiz pequenos furos no dedo mínimo da mão esquerda com auxílio de uma lanceta estéril e o sangue verteu adequadamente sobre o ponto.

"*Morte, invoco tua voracidade! Morte, clamo pela tua presença! Que os Poderosos Mortos peguem minhas mãos e me levem aos domínios do Exu Rei e Pombagira Rainha da Kalunga!*"

No momento da exclamação, uma lufada de ar giratório surgiu no aposento e foi possível ver a fumaça dos defumadores girando em espiral em sentido horário. Normalmente não costumo creditar eficácia quando fenômenos ocorrem, mas eles certamente apresentam indícios valorosos sobre o cerne da operação e sobre o que se está fazendo.

Relatio Gratiæ

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Anonymus

Podem (os fenômenos) não ter um efeito prático requerido, mas significam bastante para o operador atento. Mesmo que o significado não surja no momento é importante registrá-lo da melhor maneira possível para análise posterior.

Ao incinerar o ponto na chama das velas foi como se houvesse algum forte combustível no papel, pois uma alta labareda surgiu e abrasou o ponto quase que instantaneamente. O papel não se consumiu ao todo e quase não houve resquícios negros da combustão, o ponto se tornou uma cinza escura que não se quebrou prontamente.

Iniciei a friccionar os úmidos pedaços de carne no corpo a partir dos pés, fazendo rubras marcas em forma de cruz. Ao chegar à altura dos joelhos, era como se eu ouvisse a agitação de uma miríade de almas se aproximando agitadamente, como num vórtice intenso que se precipita. Algo semelhante a dezenas de animais carniceiros se aproximando do corpo que jaz largado sobre a terra árida. Ao chegar à altura do pescoço e dos ouvidos, era como se milhares de espíritos sem olhos quisessem me consumir. Não temi, embora a sensação fosse um tanto desagradável. O cheiro do sangue se tornou acre e pútrido. Um amontoado gigantesco de ossos se abriu e era como se meu corpo estivesse dentro de um pesado caixão negro sobre o qual estavam entalhados uma longa cruz negra e uma foice de forma estranha. Havia uma espécie de névoa de cor púrpura intensa, quase roxa. O caixão era baixado sem cordas para dentro da cova aberta no meio dos ossos. Houve uma sensação de eu estar sendo sepultado ainda com vida. À beira da cova surgiu um vulto sombrio, pardo, muito alto e volumoso, nesse momento tudo se desfez rapidamente e se dispersou. A sensação de sufocamento cessou de imediato e segui o ritual com as oferendas para Exu Rei da Kalunga e Pombagira Rainha da Kalunga.

Na meditação final consegui realizar a visualização de maneira adequada, acredito que de maneira bem criativa. Senti no final uma força agindo de dentro para fora e uma espécie de sensação de bênção. Renascido, sinto que há muito ainda para semear, destruir e honrar.

Finalizei a operação com a oração de agradecimento, tomei um banho convencional comum seguido de um banho com infusão de arruda.

Fiz ainda uma oferenda ao (...).

Fim do primeiro relato.

Segundo Relato – Experiência Onírica

Relato escrito em 03/11/2015 por volta das 9:30.

Registros oníricos esparsos.

Adormeci por volta das 2:00 da manhã do dia 03/11/2015.

Tive vários sonhos relacionados a um dos entraves psicológicos tratados na visualização do vigésimo passo do ritual. Em todos eles o grilhão principal havia se dissolvido.

Sonhei com uma bela mulher, morena, de feição jovem e faceira. Eu a via junto com algumas outras mulheres muito bonitas. Eu bebia conhaque barato junto com dois amigos que não conheço ainda. Bebíamos em uma pequena garrafa que nunca se esvaziava. Um deles estava a minha frente e parecia me conhecer há muito tempo e falava sobre coisas que eu já vivi.

O outro estava ao meu lado esquerdo, era muito jovial, tinha barba e cabelos muito negros e compridos, mas falava muito pouco, porém com bastante profundidade. Numa certa altura do sonho a bela mulher morena se aproximou de mim e me abraçou forte, senti o cheiro de seu perfume e a desejei, mas ela voltou para junto das outras mulheres bonitas que estavam com ela. Uma outra mulher, linda também, se aproximou de mim e disse algo como “Ela gostou de você, mas não é porque ela te abraçou que ela vai ficar com você” e se afastaram sorrindo.

Também sonhei que eu carregava duas pesadas pedras, uma em cada braço. A pedra do lado direito parecia duas vezes maior do que a pedra do lado esquerdo. Curiosamente eu era muito forte fisicamente nesse sonho e eu corria segurando as pedras com facilidade, saltava grandes distâncias e me movia com bastante agilidade. Esse sonho se passava na (...) de uns trinta anos atrás, na época em que não havia asfalto no bairro onde moro e quando praticamente não havia moradores no bairro.

Fim do relato.

Terceiro Relato

Infelizmente não pude usar a trilha sonora, por não morar sozinho e por ter problema de audição (o que faria a trilha ter que ser alta para poder ser ouvida).

Usei os outros elementos do ritual. Durante o ritual em si, não senti tantas diferenças conscientes na minha mente (devia ter tomado um pouco de ayahuasca para melhorar isso), mas definitivamente percebi correntes se movendo no meu subconsciente, coisas indefinidas que não conseguia "enxergar" claramente. Após o ritual e no dia seguinte, ficou bem evidente que algo em minha energia mudou. É-me difícil defini-lo com palavras. Sinto-me mais "*sharp*", mais afiado, mais agudo, mais concentrado em mim mesmo. Obrigado pelo ritual, Mestre.

Quarto Relato

No dia 02/11 fui trabalhar e cheguei tarde. Devido ao feriado não encontramos nenhuma casa aberta para que conseguíssemos os materiais necessários. Hoje, dia 03/11, fizemos o ritual.

Tivemos que improvisar também algumas coisas. De início aconteceu de tudo para tirar o foco e não dar certo de fazer o ritual, mas com muita perseverança e esforço conseguimos passar por cima de alguns obstáculos e fazer.

De início me senti meio dispersa por ter que ler e ao mesmo tempo buscar a concentração, mas no momento em que esqueci o papel passei o fígado em meu corpo senti uma mistura do calor e frio, um cheiro muito forte, digamos que de podre, porém não era a carne. Nesse momento me entreguei e pedi para que me devorassem, tirei a blusa e comecei a clamar por eles até que comecei a me sentir farejada. Como se estivessem me cheirando e me tocando cada vez mais famintos e frios. A sensação ia aumentando muito mais até que clamei por meu pai Exu Sete Capas e no mesmo momento foi como se todos se afastassem e eu me senti abraçada por ele. Minha respiração foi voltando ao normal até que consegui abrir os olhos e voltar a continuação do ritual.

Após isso senti em todos os momentos meus mestres pertos de mim.

Foi uma experiência única que renovou minhas forças e por mais incrível é que mesmo com tantas dificuldades no início e até vontade de desistir, no final quando apaguei as velas e respirei fundo eu só conseguia sentir paz e um sentimento enorme de agradecimento.

Agradeço a você, Danilo Legião, e a você, Pris Coppini, pelo cuidado, carinho e dedicação que têm para com os adeptos do Templo. Obrigada por mesmo em sua recuperação se preocupar com a nossa evolução e nos ajudar a ter a oportunidade de vivenciar uma experiência tão valiosa e poderosa.

Quinto Relato – Sobre Meditação

A música já ressoava no ambiente. Escrevi a oração à mão. Decidi utilizar uma das velas que já havia sido usada no primeiro ritual, escolhi a que tinha o maior acúmulo de cera derretida.

O fato de ser uma meditação livre, de caráter mais passivo/receptivo, me deixou um pouco titubeante, pois normalmente sou acostumado a seguir "regras" e "fórmulas" em procedimentos relacionados, muitas delas criadas para/por eu mesmo.

Escolhi um asana muito simples (sentei no chão de pernas não cruzadas), posicionei o castiçal a minha frente e não acendi incensos. Acendi a vela, inspirei profundamente, procurei regular a respiração e acalmar os sentidos e o corpo. Fiz a oração e fechei os olhos. Procurei manter o asana e os olhos cerrados acima da altura da chama da vela.

No início procurei manter minha mente livre de pensamentos, mas ela não se calava. Recorri então à técnica de tomar consciência plena do momento, do local e de meu ser e passei a me visualizar como deveria estar: sereno, calmo e receptivo. Comecei então a ouvir a música com mais profundidade e minha mente se acalmou mais, senti na música uma espécie de mantra chamando pelas forças ancestrais e procurei manter esse estado mental. Em determinado momento senti que alguém se sentou a minha frente e bloqueou a luz da vela. Não abri os olhos enquanto senti essa presença. A vela começou a crepitar e a presença se dissipou. Abri os olhos e encerrei a prática. O exercício deve ter durado por volta de trinta minutos, entre 23:00 e 23:30 aproximadamente e a vela se consumiu por cerca de um quarto de sua altura inicial.

Para a prática de amanhã, dia 04/11/2015, pretendo assumir o asana do dragão, queimar incenso de mirra e manter o restante como feito hoje.

Sexto Relato

Boa tarde. Trago aqui o meu relato sobre o ocorrido durante esses treze dias da trezena maldita. A certeza e a sensação de uma presença invisível foram constantes durante a trezena maldita, com fortes arrepios e tonturas durante o dia, acompanhados de momentos de desconexão com o mundo, parecia que a mente travava. O engraçado é que no segundo dia, durante a noite inteira sonhei que estava sendo devorado por uma Pantera Negra e Onças Pintadas e durante todos os dias, as noites de sono e descanso para o corpo foram de intenso trabalho para o espírito no plano astral, tenho certeza disso.

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

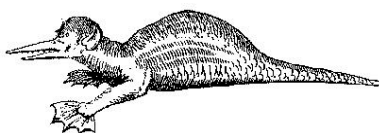
Anonymus

No momento a sensação de esgotamento/"*sugamento*" energético é grande, mas sinto que fiquei mais centrado, mais equilibrado emocionalmente. Sinto que houve uma profunda mudança no meu campo vibracional, energético e no meu corpo mental. A maior dificuldade pra mim é fazer o despacho no cemitério sem a interferência de profanos, já que hoje em dia todos os cemitérios urbanos possuem vigias pra coibir a ação dos "macumbeiros", mas acho que já encontrei o local ideal. Gostaria de agradecer pela oportunidade de ter acesso a um culto tão valioso espiritualmente e quero continuar no projeto. Abraço a todos os membros do TQMBEPN!

Sétimo Relato

02 de Novembro. Nesse dia de finados passei o dia todo trabalhando, foi um dia cansativo e estressante. Trabalho em um bar e mercearia junto com meu pai e apesar de ser um negócio familiar o fardo não é atenuado e mesmo hoje tive de trabalhar o dia todo. Entre às 9:00 e 10:00 horas da manhã consegui um tempo e acompanhei minha mãe ao cemitério, lá visitamos os túmulos de meus avós e tios. Apesar de trabalhar com bebida não é fácil levar bebida para casa de forma discreta, somado ao cansaço de um dia completamente atarefado quase me esqueço do ritual ao qual me propus realizar. Por conta disso não tive tempo de sair e comprar todos os itens necessários. Era por volta das 22:00 horas quando me dei conta de que não preparara nada e já não havia mais onde obter todas as coisas. Pessoalmente considero isso uma irresponsabilidade, ao mesmo tempo em que tenho consciência da fatalidade às circunstâncias, talvez do próprio carma. No entanto estava firmemente decidido a prosseguir com o projeto e não permitiria que as circunstâncias continuassem a se opor a minha decisão.

Digo todas essas coisas não para justificar minhas possíveis faltas e/ou inconseqüências, mas tão somente para contextualizar os eventos e manter-me fiel ao espírito no qual o projeto foi iniciado. Como já disse, não tive tempo para me preparar para o ritual, então lancei mão do que possuía a disposição, três velas pretas, um cigarro de filtro branco, um cigarro de palha, incenso sangue de dragão, dois copos usados em experiências de contatos com Exu realizadas num período em que busquei uma visão diferenciada da quimbanda que não fosse a visão popular (não tinha contato com nenhuma tradição de matriz africana e nessa mesma época conheci o T.Q.M.B.E.P.N.), evocações e invocações ligeiramente modificadas, os pontos de Exu Rei e Pombagira Rainha da Kalunga e o ponto de comunhão com os mortos.

Velas dispostas: iniciei o ritual após a purificação do ambiente e considerando a carne como a corrente que nos prende, a substituí por meu próprio braço no momento de circundar a chama da vela e na invocação e após a queima do sigilo tracei diversas cruzes por meu corpo usando suas cinzas e então ofereci meu prana aos espíritos. Prossegui com as invocações conforme o ritual e durante a meditação final pude sentir uma corrente de ar frio e um fluxo desvairado de energia no ambiente.

Relatio Gratiæ

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Anonymus

Oitavo Relato – Experiência Onírica

Registros oníricos esparsos.

Tive vários sonhos, mas não me recordo totalmente deles. No decorrer do dia tive alguns insights que avivaram algumas poucas lembranças de duas experiências oníricas que precisam ser registradas.

No primeiro sonho eu estava num vale profundo acompanhado por uma espécie de monge de pele bem escura. Esse tal monge me presenteou com uma espécie de adorno feito com tiras de couro, um tipo estranho de "colar" cravejado com pedras cintilantes. No centro do adorno havia um belo e largo medalhão no formato de Bhairava. Esse medalhão estava em chamas, mas não feria.

No segundo sonho eu olhava para uma espécie de parede vermelha, ao fundo ressoava a música Chthonic Transmission. Sobre a parede um símbolo começou a surgir como se estivesse sendo pintado pela parte posterior da parede. O símbolo era como um pentagrama truncado sobre o qual se sobrepunham o sigilo de Lúcifer e a metade esquerda da face de um bode, porém a face do bode se desenhava de forma diferente da comum.

Nono Relato

Comecei a entrar em egrégora com os mortos desde o dia 31/10, aproveitando a abertura de portais que favorecem o contato, dediquei velas, orações, incenso e a queima do tabaco, e dessa mesma maneira se seguiu o dia seguinte 01/11.

Para o ritual de dia 02 me vi em certos apuros devido não achar lugares abertos, mas com um pouco de esforço e criatividade consegui tudo que era necessário para o andamento do ritual.

Detalhando que o ritual foi feito em três pessoas, mas cada um com suas coisas individuais.

Iniciamos por passar a corrente no fogo como forma de consagração, após, foi feito o banimento de forma tríplice com entonação feroz; foram acesas as velas e feita a oração para cada vela que ia sendo acesa, neste momento já era de fácil percepção a energia querendo tomar espaço no ambiente, após isso se seguiu o ritual como foi descrito passando a corrente pelas velas com a oração sendo feita.

Após já colocada a corrente em volta e fechada (cadeado improvisado) eu tive uma sensação engraçada, eu senti uma forma de cerceamento por conta da corrente, como se eu estivesse ali, mas algo me forçava a não transpor os limites da corrente, com a mente vazia visualizei e derramei meu sangue sobre o ponto de conexão com os mortos, e logo em seguida a passagem do fígado pelo corpo, optei por ficar sem camisa para poder passar o mesmo em maior parte; o contato de seres me devorando se fez bem sucinto, pois como de costume e todo ritual eu estava com meu fio de proteção, logo me liguei disso e tive o insight de tira-lo e foi o que aumentou a sensação de ser devorado, mas mesmo assim de forma pouco agressiva devido entrar em ação outra proteção que tenho, enfim, após aparentemente os espíritos saciarem a "fome", senti uma certa brisa que parecia que rodava somente dentro da minha corrente, era como o vento leve provindo do balançar de uma cortina, mas que se fez contínuo; consegui vislumbrar uma grande cruz e dela se desdobravam encruzilhadas com mais do que só quatro saídas, os espíritos não se moviam por ela de forma lenta ou moribunda como se relata em filmes, o cruzeiro conduzia essas almas com um dinamismo

de certa forma até agressivo, tudo se passava de forma temporal distorcida, a Kalunga se mostrou muito mais movimentada do que eu imaginava que fosse.

Após essa meditação foram entregues ao Rei e à Rainha da Kalunga a bebida e o fumo como mandava o ritual, senti sucinta, mas perceptível a presença deles nesse momento, fizemos mais uma rápida meditação nesse momento pra entrar em comunhão com a presença deles.

Fizemos os agradecimentos pelo andar do ritual, finalizamos como mandava o *script*, recolhemos o que tinha de se recolher e fizemos o que tinha que se fazer ao final do ritual.

Gostaria de agradecer de todo coração a todos envolvidos nesse projeto maravilhoso, que pôde me proporcionar lindas visões e sensações indescritíveis, tudo isso acompanhado de uma música indiscutivelmente maravilhosa e que casa de forma harmoniosa com o ritual proposto, o que culminou em algo esplendoroso.

Meu sincero obrigado. Por um Irmão do T.Q.M.B.E.P.N.

Décimo Relato

Saudações! Deixo abaixo, os comentários do rito:

Por motivos pessoais, decidi fazer o rito no cemitério de minha cidade. Um lugar favorável e simbólico á mim, e onde já havia sido palco de alguns outros ritos pessoais. Cheguei já tarde da noite, arrumei todos os preparativos conforme orientado no manuscrito, coloquei o som para tocar e decidi meditar e acalmar-me. Buscando preparar-me para a comunhão com os mortos.

Som provocou-me os seguintes efeitos: via-me caminhando ante ao caos, e um buraco de minhocas estava a minha frente, e dele emanavam rajadas brancas, cinzas e negras brilhantes. Harmonizava-se de acordo com o som, e parecia tecer alguma forma de vida amorfa.

Segui adiante com o rito. Antes de iniciar o rito em si, realizei minhas preparações pessoais: posicionei meu tetraedro de cristal ao meio do recinto e comecei a entoar a evocação a Falxifer, circundando o que futuramente seria o círculo. Quando finalizado, entoei o mantra: "Zazas Zazas Nasatanada Zazas" onze vezes. Fiz as respectivas visualizações costumeiras, e senti meu tetraedro jorrando uma energia incomum. Dei início ao rito em si.

Por motivos financeiros, vi-me forçado a adaptar algumas partes, entretanto, as experiências a seguir deixam claro que minha fé aos ancestrais e meu comprometimento com o rito, fez com o que este mero detalhe, não afetasse drasticamente a ritualística.

As velas foram acesas, e ao invés do diagrama disposto, por intuição, fiz com que eu ficasse dentre do triângulo formado pelos trios de velas. Não havia correntes ou cadeado, então, desenhei no chão com pemba e meditei durante um certo tempo, para assentar minha vontade sobre o intento. Enquanto recitava o encantamento das correntes vi garfos rasgando o chão e erguendo-se imponentemente ao meu redor. Garfos que continham caveiras que encaravam a parte externa do círculo, e circundando os garfos, espinhos enormes esverdeados enfeitavam-nos, criando uma camada densa de proteção - senti-me protegido o suficiente para continuar.

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Anonymus

Quando entoei o encantamento concernente à ancestralidade, fui agraciado com as visões de duas entidades. Um deles relevou-se a mim como "Exu Belzebú", e senti-me conectado comigo mesmo, como se tivesse encontrado uma parte de mim, que havia se perdido há eras. Este, era alto, com cabeça de bode e chamas escorriam por sua boca. Seus olhos clamavam a fúria e voracidade que animava sua existência. Munia um cajado, cuja parte inferior era a pata de bode e a superior, onde apoiava sua mão, era a cabeça de um bode, A outra, revelou-se apenas como a Senhora do Cemitério, e nada mais disse. Estava com um chapéu largo, com saias de sombras, nas cores roxa e preta. Carregava um garfo cuja parte inferior era um garfo arredondado e a superior, um crânio com chifres e dele saia um outro garfo, similar ao inferior.

Entendi que não era o momento para explorar-la mais do que o necessário.

Durante minha descida, me deparei em um deserto, onde caveiras rumavam, como uma forma de penitência ou ordália. Então, um dragão negro cuspia fogo em cima destes, e estes se tornavam mais límpidos, mais 'despertos', conseguiam entender melhor o lugar. O céu era feito de fogo, o deserto era vermelho, o dragão era furioso e cuspia fogo para todos os lados.

O cenário mudou e eu estava em algum tipo de lugar de cremação, onde caveiras esculpiam torres, muralhas com garfos de exu, forjavam armas de guerra etc. Neste momento, um garfo quadriculado arrancou-me do chão espetando-me no ar, e ali fiquei recebendo as rajadas ígneas do local. Quando retornei, de olhos abertos eu vi o mesmo garfo acertando meu peito. Uma certa falta de ar me tomou, mas logo em seguida, senti-me vivo. Contemplei o cemitério de onde estava e senti a vontade de gritar:

"O sangue de Exu corre em minhas veias". E quando o fiz, eu vi vida no cemitério. As tumbas pulsavam como corações carregados de adrenalina, fechei os olhos, e vi-me em um local onde o chão era coberto de couro de bode, havia garfos de exu, pedaços de carne, bebidas e fumos. Em trono estava Exu Belzebu, encarava-me, e dali onde estava, deixou-me ver que recebia todas as oferendas que eram ofertadas a ele, como um portal/plano de conexão para com todos os lugares onde as libações eram feitas a ele. Retornando, eu vi as tumbas costuradas de pele humana, e em cada uma, erguia-se um garfo de Exu. Via suas individualidades e reinos atuantes.

Durante as defumações e libações, sentia-me devolvendo certas energias, senti-me meio tonto. Vi rastros de energia astral enquanto recitava, mas tudo muito vago.

Quando terminei o rito, sentia-me renascido, purificado, forjado do fogo dinâmico de exu. Onde eu havia esfregado os pedaços de carne, sentia uma certa podridão, via larvas de moscas consumindo minha carne, apodrecendo-me.

Ao decorrer disto, via uma coroa negra cintilando minha cabeça, e outrora, asas negras cresceram de minhas costas.

Banhei-me novamente com o óleo e prossegui com o encerramento.

(...)

Décimo Primeiro Relato

Tive conhecimento do Ritual já na segunda-feira por volta de meio dia. Estava na casa de meus pais em Santos, me senti honrado em poder participar do projeto.

Relatio Gratiæ

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Anonymus

Tinha que ir ao almoço com a família, e voltar para São Paulo e pensei, como farei para adquirir o material. Entrei em contato com irmãos do Templo onde me prestaram muita ajuda, um em especifico, T., foi peça fundamental para se tornar possível realizar o Ritual durante a noite. Este providenciou alguns elementos e outros eu tinha em casa. Fui ao meu compromisso familiar e voltei para São Paulo, pensando no Ritual e o quanto seria importante para mim em minha fase de iniciante rumo à minha evolução obscura. Senti em grande parte da viagem, em retomada para São Paulo um enorme calor em meu corpo, minhas orelhas pegavam fogo, junto a uma grande satisfação, ansiedade e felicidade para o grande momento. Cheguei em casa, li a fundo sobre o projeto, estudei o Ritual, fiz um esboço do mesmo na íntegra, com suas orações e passos a serem dados, desenhei os pontos. Combinei com o irmão T. e sua esposa L. de fazermos no campo dos mortos, mas a chuva impediu e acabamos fazendo na casa dele, no espaço reservado ao seu altar. Tudo pronto para o Ritual, o início. Nas meditações me senti fora de meu ser e me transportava para um local escuro, tipo uma caverna fria, úmida, com um grande salão. Na meditação de visualizar as quebras de correntes, me vi flutuando em um manto negro em meio à névoa negra.

Flutuava em locais onde de rotina costumo transitar, me dando a sensação que sou livre e não tinha mais obstáculos, ao transitar em tais lugares os rastros formavam um pentagrama invertido. No enredo do processo me senti passando por provas duras e cruéis por serem necessárias para um novo início, sentia seres obscuros indo e vindo ao meu encontro, como se viessem para arrancar coisas estragadas e voltavam com novas energias. Uma sensação boa mesmo que ruim. Em determinado momento do ritual nas oferendas ao Reis da Kalunga me senti forte e falava as palavras de orações como se estivesse com muito poder. Terminado o Ritual fui para casa tomei um banho normal, fui ao meu quarto usado para minhas preces, devoção e agradecimento, fiz uso de óleo de palo santo e reli as orações junto à música que foi de suma importância para o projetar de meu espírito no astral. Senti-me, vou tentar explicar a sensação, mas creio que as palavras não a expressem, fora do mundo, sem nenhum compromisso com o mesmo, apenas com o espiritual, forte para uma batalha. Fui me deitar e continuei na meditação me projetando ao Ritual, visualizei um crânio de caveira em meio ao nada, parado no ar flutuava, ao seu redor feixes distrocidos rodeavam,como se fossem formações de energias, adormeci, em sono profundo, e nada me lembro. Acordei me sentindo um zumbi, fora do mundo, não consegui fixar um pensamento, aéreo, vazio, não pensava em nada de compromisso, me sentia ao mesmo tempo livre e sem preocupações com as coisas mundanas. Ao falar as palavras não me vinham, tinha dificuldade em formular frases bem como na escrita. No final do dia já anoitecendo, tudo mudou e uma força com euforia e felicidade me invadiu, junto à animação e a vontade imensa em ir à Kalunga para o segundo dia de Ritual. Cheguei em casa após o serviço, por volta das oito horas, depois de ter passado no mercado onde adquiri ervas como salva, alecrim e hortelã, senti uma necessidade de naquela noite ao iniciar a trezena de tomar banho de ervas. Fui para casa, tomei meu banho normal, passei óleo de proteção em mim e na guia de iniciação para proteção no Campo Santo. Fiz o esboço e estudei o Ritual. Algo interessante, creio eu que não por acaso, senti como uma aprovação pelo que estava fazendo no procedimento do projeto, tinha uma moeda no bolso quando cheguei em casa coloquei em uma mesa junto à minha carteira e outros objetos, na hora de ir ao encontro do irmão do templo para realizarmos o ritual, peguei esta moeda solitária e comecei a juntar as moedas perdidas em casa, para minha surpresa todas elas totalizavam ao certo onze moedas, o necessário para o Ritual.

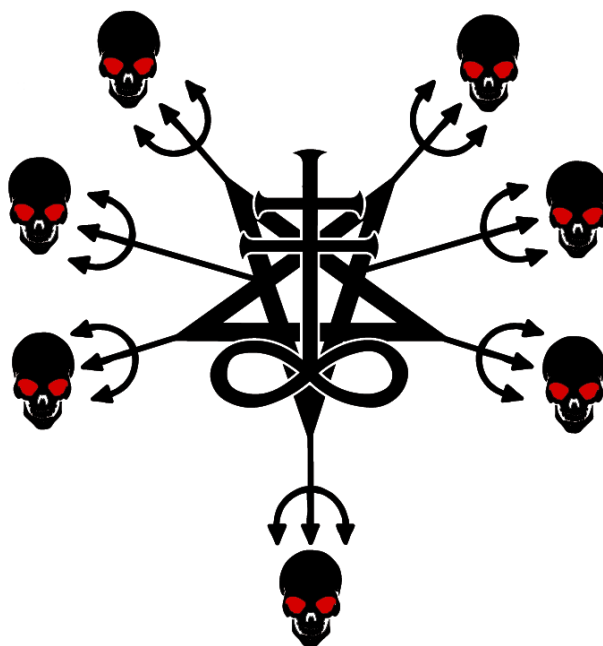
Relatio Gratiæ

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Anonymus

Fomos à Kalunga, logo na porteira uma sombra ao longe me dispersou, e até agora não sei se era uma árvore no escuro, pois ao me atentar foi o que via, voltei aos meus pensamentos do necessário a se fazer a entrar na Kalunga. Entramos, saudamos o Cruzeiro, as encruzas, as almas, enterramos os objetos com suas orações, na íntegra, como solicitado realizar no procedimento. Voltei para casa, preparei um banho de salsa. Após o banho escrevi a oração a ser recitada por treze dias. Dei uma defumada com incenso natural de palo santo na casa e em meu quarto-altar e coloquei a música, fiz oração e meditação. Visualizei novamente a caverna escura e fria, tinha seres a esquerda em um tipo de sala, agachados, pareciam comer algo ou fazendo um trabalho. Enfim, estava muito cansado e o sono me impediu de maior tempo na visualização. Fui deitar com a música ao fundo, meditei poucos minutos apenas na visualização de um breu e adormeci profundamente de novo, só que desta vez sonhei com algo, mas não consigo me lembrar do quê. Hoje estou bem, com uma sensação de organizar as coisas e assim fiz quando cheguei ao meu trabalho e farei quando chegar em casa. Sinto-me bem, com a sensação de que tudo se resolve que não tem porque preocupações, que tendo controle de si tudo se resolve.

Detalhe ontem, quando cheguei da Kalunga, minha gata surtou, corria e miava de um lado para o outro e percebia em alguns momentos que parava olhava para determinados pontos do nada e inclusive para algo atrás de mim e miava e corria. Estou bem, feliz, revigorado, me sinto amparado. Percebi que consigo conversar com as pessoas fitando seus olhos sem dispersar minha visão. Pelo que sinto creio que o Projeto (...) dos dias no renascimento após a morte, energias ao longo dos dias serão agregadas, e cada uma delas para algo em específico, para formar um todo que refletirá na forma de pensar, agir, se tornar mais forte e sem barreiras e apto a lutar pela missão designada, em prol dos poderosos mortos bem como evolução obscura. Na luta pela verdade. A certeza que tenho, nada me fará desistir da batalha!!!

Com toda a certeza, absoluta e sem sombra de dúvida, sou outra pessoa e a cada dia mudo mais desde o momento de minha iniciação, bem como início do ritual. (...)

Relatio Gratiæ

Relatos Projeto Vivendo a Morte Através dos Espíritos da Quimbanda

Anonymus

Saiba um pouco mais sobre os responsáveis pelo projeto

Danilo Coppini, Brasil. Escritor. Mestre fundador e mantenedor do Templo de Quimbanda Maioral Beelzebuth e Exu Pantera Negra.

Francisco Facchiolo Lima. Além de adepto da Quimbanda Brasileira e de outras formas de Magia Obscura por muitos anos, é um exímio designer profissional. Confiram parte de seus trabalhos em: http://valardesign.carbonmade.com

Bruno Neves Oliveira, estudante do T.Q.M.B.E.P.N, poeta e geólogo. Nesse projeto dedicou-se a tradução e correção dos textos.

Edgar Kerval, Colômbia. Mestre em diversas Artes Ocultas, escritor, músico e artista. Em sua jornada, apresenta um refinado dom de captar as forças Qliphóticas e produzir meios para expandir a mente de muitos adeptos. Suas evocações, invocações, práticas de magia sexual, pinturas advindas de visões e composições musicais ritualísticas visam a criação de vórtices mágicos a fim de promover a expansão da consciência. Autor de diversas obras esotéricas, destaca-se “As Máscaras dos Deuses Vermelhos” (Aeon Sophia Press), onde o autor derrama luz sobre teorias e práticas com deidades africanas e brasileiras incluindo Exu e Pombagira. Além disso, temos as publicações do Qliphoth Jornal e Sabbatica, ambos pela editora Nephilim Press. Atualmente sua parceria está com a editora Transmutação Publishing. Nesse projeto Kerval assina os sons usados para meditação e expansão. Confira parte de seus trabalhos:

http://www.nox210.blogspot.com/
http://www.panoramajournal.blogspot.com/
http://www.transmutationpublishing.com/
https://www.youtube.com/user/kerval111
https://www.facebook.com/edgar.kerval
http://slayingtongue.blogspot.com/2014/02/an-interview-with-edgar-kerval-ofemme.html

Néstor Avalos, México. Artista obscuro que transforma conceitos em belíssimos desenhos e artes gráficas. Como conhecedor das artes noturnas, caóticas e qliphóticas, Néstor consegue captar e dar forma às forças acausais e amorfas. Assina ilustrações de diversas publicações em livros e CDs obscuros. Nesse projeto forneceu a imagem principal, também usada na capa do Livro “Quimbanda- Fundamentos e Práticas Ocultas Vol. 01”. Essa imagem trouxe a abertura das portas para novas empreitadas, assim como foi um marco que diferenciará nosso trabalho. Conheçam parte de seus trabalhos em:

Nestor Avalos official Black Arts Site:
https://www.artstation.com/artist/nestoravalosofficialblackartssite
https://www.youtube.com/watch?v=ZJjCux87hZE

Pharzhuph N. Azoth, Brasil. Profundo conhecedor dos caminhos L.H.P, praticante de diversas vertentes mágicas, destacando-se a Quimbanda, Pharzhuph assina a Revista Eletrônica “Lucifer Luciferax”, uma das melhores publicações obscuras brasileiras. Nesse projeto Pharzhuph corrobora com correções ortográficas e ideias que ajudaram estruturar o conteúdo. Confira a revista em:

https://www.facebook.com/LuciferLuciferax/?ref=ts&fref=ts

COISA FEITA

magia vintage

SOB MEDIDA

ARTIGOS MÁGICOS, UNGÜENTOS, RAPÉS, PREPARADOS XAMÂNICOS

MAGIA COMO OS ANTEPASSADOS DE NOSSOS ANTEPASSADOS PRATICAVAM

O *Coisa Feita – Magia Vintage* detém como seu objetivo principal recuperar saberes considerados perdidos, manter tradições obscuras e, mais importante, atualizar para a contemporaneidade objetos, práticas e produtos mágicos, religiosos e de caráter histórico. Tudo isto aliado à elegância, bom-gosto e um clima vintage. Esta "missão", proposta e preocupação chamamos de

Arqueomagia

Arqueomagia esta que não poderia deixar de assentar-se firmemente em anos de estudos diretos e intensos a fontes históricasde todas as épocas. Paralelamente a leituras, traduções, análises e interpretações dos textos originais, sempre que possível o Coisa Feita busca acessar conjunto de acadêmicos, etnias e grupos que, dalgum modo, relacionam-se de modo íntimo com as tradições, práticas e ideários dispostos nas citadas fontes. Deste conjunto de leituras, investigações e diálogos, os arqueomagos do Coisa Feita procuram, o mais fielmente possível, recriar os produtos que ora aqui dispomos.

SEM JAMAIS ESQUECER O RESPEITO À NATUREZA

Ingredientes que representassem crueldade e morticínio desnecessários de seres-vivos foram substituídos por similares naturais, que em nada comprometem o anima [alma] da receita original, seu propósito e qualidade. A mesma preocupação com o Meio-ambiente em geral, o Coisa Feita detém com o seu público, ofertando sempre materiais confiáveis e de excelente origem. Nos raros casos que alguns ingredientes das antigas receitas originais representam, aos olhos da Medicina atual, graves e dispensáveis riscos à saúde dos usuários, trocamo-os por análogos incapazes de significar perigo àquele que corretamente use o produto.

Um outro foco daquilo entendido como arqueomagia é a preservação e popularização de sobreviventes culturas primordiais e, em especial, as que se encontram em risco de extinção, ameaçadas pela aculturação, falta de políticas públicas e privadas de fomento ao preservar de suas tradições, xenofobia etc.. Neste prisma, o Coisa Feita atém-se, principalmente, às tradições dos nossos nativos pré-Cabralinos e pré-Colombianos. Através de contactos diretos e prolongados com os raros recipiendários de seus ritos, religiões e "manufaturados", nossos arqueomagos também se engajaram, ao seu modo, na luta contra o desaparecimento destas riquíssimos e antigas culturas. Assim, no caso específico destes produtos "nativos", cuidamos para ofertarmos produtos idênticos aos originais, seja na fabricação, seja nos ingredientes, preservando e divulgando saberes pré-Históricos...

Por último, mas não menos importante, é o aspecto mágico, metamórfico e, quiçá, iniciático da arqueomagia por nós facilitada. Não só de Cultura, Estética e História subsiste a arqueomagia, porém de MAGIA, isto é, manipular fenômenos de todo tipo, alterar "consciências", e desvelar naturezas a priori ocultas. Neste sentido, todos os nossos produtos passaram por exaustivos testes quanto às suas potenciais eficácias e poder instrumental para realizar os intentos do mais importante "Elixir Universal", o "Sal dos Filósofos", à SUA mais soberana, sacra e arcana VONTADE! Então, pronto para fazer magia como os antepassados de nossos antepassados praticavam?!

Contactos:

•Email:

coisafeitavintage@gmail.com

•Facebook:

www.facebook.com/coisafeitamagiavintage

•Blogspot:

coisafeitavintage.blogspot.com.br

O Feitiço do Crochê

https://www.facebook.com/feiticodocroche/?fref=ts

http://www.feiticodocroche.blogspot.com.br/

Fiat Voluntas Mea

As Curtas do Reverendo

Por Reverendo Eurybiadis

O tempo passa e engrossam os pentelhos meus, alvacentos e quebradiços. Os poucos cabelos encanecidos arriam ao serem ajeitados com o velho pente plástico cor de caramelo, cabelos que não escondem mais as escaras e as cicatrizes de outrora. O sorriso apodrecido dos lascados dentes descorados exala o miasma pútrido do hálito carcomido pelos vícios da cachaça e do fumo.

O ceró cai nojoso sobre os ombros juntando-se ao fuá. Por vezes cai-me sem vigor o pinto, e as pílulas azulegas não surtem efeito mais. O velho nunca teve o falso pudor das moçoilas – e jamais o terá.

Mas não é sobre a jocosa miséria que se abate sobre esse decrépito, desavergonhado e cínico Eurybiadis que hei de falar. Hei de escarnecer outros ainda mais velhos e mais cínicos do que eu, por hora tratemos de zombar do poderoso Jeová. Em minha profunda pesquisa nas catacumbas do mosteiro sagrado de Elias Fausto, pude verificar em manuscritos esquecidos que Jeová possui a anatomia do saco musculocutâneo que contém os testículos e os epidídimos.

Sim, Jeová é um escroto e suas testemunhas são os *Pthirus pubis*, os piolhos da sacra pube, os chatos, pois quem mais bateria à porta às oito horas da manhã de um domingo? Somente um escroto, chato do caralho mesmo.

Perdoem-me o vocabulário, por vezes rude, obsceno e grosseiro. O mesmo desanda por vezes, mas saibam que o caralho em tudo está, figura até mesmo em alguns dos mais célebres dicionários (não no Aurélio, Aurélio não tem caralho). Se a exceção confirma a regra do caralho, só Virgem Maria a ratifica, pois concebeu sem nela penetrarem caralho algum.

Mencionei o escroto Jeová e a serelepe Maria, incluo agora o embusteiro e buliçoso Jesus! Ah, mas que adorável família! Celebremos: Maria trás a água, Jesus a transforma em vinho e Jeová força-nos a beber! Para que entendamos melhor a afirmação, preciso introduzir um novo personagem: Jeremias (não, não é aquele do Faroeste Caboclo[16]). Em Jeremias 25:27 lemos: "Assim disse Jeová dos exércitos, o Deus de Israel: "Bebei e embriagai-vos, e vomitai e caí de modo que não possais levantar (...)". Em Jeremias 25:16 lemos: "E terão de beber, e balouçar, e agir como homens endoidecidos (...)".

Com Jeová a chibata estrala até na hora do goró!

Acusam-me de proclamar blasfêmias. Estão certos, e eu convicto na palavra que insulta a divindade.

E para não dizerem que minhas cusparadas recaem repulsivas somente sobre as pútridas religiões de massa, apresento agora mais um pérfido desserviço para com a comunidade thelêmica brasileira. Algumas edições atrás apresentei o Livro da Lei ~~mal~~ narrado (não posso reclamar, pois o áudio ainda hoje me faz gargalhar compulsivamente até mijar nas ceroulas), pois bem (ou mal), agora os milagreiros estão vendendo o Liber Cordis Cincti Serpente por apenas R$ 69,99 [preço bem alto para a qualidade do livro]. No livro não há citação sobre aqueles que detêm os direitos autorais de Aleister Crowley até 2018, o que parece bem estranho.

Liber Cordis Cincti Serpente possui somente treze páginas. Para piorar a situação, vejam que erro crasso foi cometido já na capa do livro.

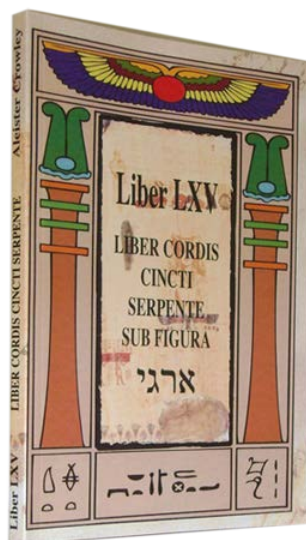
Há uma palavra escrita em hebraico e a palavra deveria ser Adonai (como na imagem em preto e branco), mas eles preferiram algo como Adogai, trocaram o 65 característico pelo 63 (?).

Vai saber lá o motivo. Contamos o milagre, mas não expomos o santo!

[16] Se você ouve Legião Urbana, ouça o sábio conselho do Reverendo, considere o suicídio.

Fiat Voluntas Mea

As Curtas do Reverendo

Por Reverendo Eurybiadis

Outra classe de indivíduos que eu gostaria de mencionar em minhas "curtas" são **alguns** dos auto proclamados "guerreiros" do "underground", especialmente os ~~falsos~~ que ostentam o lema "Força e Honra". Pois bem, força não têm nem para fazer pesquisa no Google – o que, às vezes, nem é questão de força, mas de intelecto mesmo, pois muitos são incapazes de formular uma frase com mais de três palavras. Fazem pose intimidadora, mas são os primeiros a correr quando a confusão começa. Em seus lares consomem bebidas lácteas achocolatadas, leite com pêra e dormem agarradinhos ao ursinho de pelúcia e aos travesseiros afofados pelas mamães. Vêem poucas vaginas – e as poucas disponíveis, bem, é melhor nem comentar. Recusam-se a pagar alguns míseros reais para apreciar um evento que apóia bandas de sua região, mas possui os recursos suficientes para inalar o impuro cloridrato de cocaína oferecido nas escuras cercanias – se deixarem, cheiram até a linha do equador. Alguns se embriagam de maneira tórrida e vomitam como Jeová mandou. Obviamente não generalizo, apenas falo sobre parte do quinhão que observo.

Abi in Malum Cruciatum

Entrevista a Entidade Torqverem, Black Metal

O que a Torqverem é e representa para você?

- V. A. Necrovisceral: Primeiramente agradeço pela oportunidade que tenho em expor um pouco mais sobre minha visão e interpretação do universo através das frias lâminas da entidade Torqverem.
Posso dizer que a Torqverem é a forma mais animalesca e primordial de expressão manifestada em arte, pois cada letra, acorde ou batida possui uma função específica, somando e canalizando energia para a criação de uma obscura sinfonia de perturbação e reflexão interna, facilitando o contato com áreas pouco exploradas (e até estéreis) de nossa existência e interpretação da realidade. Vejo a Torqverem como algo íntimo e individual, cada um absorverá de forma única, e isso ocorre pela maneira abstrata e livre da absorção de acordo com a afinidade, por isso possuímos tanta "subjetividade" em nossa criação. Muitos rotulam nosso som como "caótico e perturbador", até "misantrópico, frio e anti-humano", e isso é ótimo! Pretendo atingir o caos interno expondo o funeral da coletividade humana e mórbida nesse mundo débil que nos entorpece diariamente como um câncer, e que corrói a nossa essência, pois o homem é forte, evolui e se adapta quando reconhece seu meio e a si mesmo! Essa é a Torqverem, uma expressão que criei para expor meus mais preciosos e íntimos abismos a outros seres que tiverem afinidade, ou perturbando suas vazias existências.

Abi in Malum Cruciatum

Entrevista a Entidade Torqverem, Black Metal

O que são e o que representam para você: a Morte, o Caos, a Misantropia e a Guerra?

- V. A. Necrovisceral: Achei pertinente a questão, pois citou os pilares que arquiteto a filosofia da Torqverem, os quatro em minha opinião são fundamentais para a compreensão do ser humano e sua evolução, penso ser equivocada a frase "só o amor constrói", eu complementaria dizendo que apenas o ódio quebra as correntes que te aprisionam! Pois a morte é o processo maravilhoso da renovação, prepotência é acreditar que nosso nascimento foi a maior das "dádivas", pois ele é fruto de incontáveis mortes para que sua expressão fosse originada! Por exemplo, tudo nasce e morre diariamente em nosso organismo para que a consciência de unidade continue se manifestando, e a consciência é o poder! Através da morte coletiva absoluta que alcançamos o nosso caos, vejo o caos como a potência da criação! Uma energia bruta e essencial que poucos têm a coragem de utilizá-la verdadeiramente, destruindo ou criando de acordo com a interpretação e a natureza de quem o evoca, todos somos um denso e obscuro universo particular, e nossa mente nem sempre interpreta as informações deste plano de forma satisfatória, expressamos nossa vontade de acordo com a manifestação da energia e as formas que estamos familiarizados para que ela flua, e é esse o ponto onde entram a misantropia e a guerra, pois criei uma filosofia de vida que chamo de "misantropia intelectual", que consiste na absorção do universo e das energias de forma seletiva, preservando e mantendo a essência protegida. A tendência do ser humano é cair em seus próprios abismos, um labirinto que muitos se perdem ao seguirem os comportamentos coletivos que te enfraquecem! Nossa "programação" é animal, apenas para sobrevivência, mas podemos quebrar essa "maldição" e exigir mais da nossa existência! E a única forma é "morrendo" e encontrando os meios para a destruição coletiva, essa é a mensagem da Torqverem, essa é a energia destrutiva que emana de nossa criação, pois a verdadeira guerra é interna, não prezo pela quantidade do exército, e sim pela sua qualidade! Um bando boçal de ovelhas não serve para nada! E esta é a minha guerra contra os dogmas e a ignorância que exalto entre os seres. Apenas os conquistadores e os detentores das mais poderosas armas desejam a paz, pois eles estão prontos para a guerra! A "paz" é ilusória, pois a simples existência consiste na guerra, estar vivo é uma guerra de autopreservação.

Na Arte da Torqverem observamos influências relacionadas ao misticismo e ao ocultismo alinhados ao Caminho da Mão Esquerda. Você poderia nos falar sobre essas influências? Elas se dão de maneira empírica ou mais conceitual?

- V. A. Necrovisceral: As coisas simplesmente fluem,não vejo minha essência de outra forma, portanto o que expresso na Torqverem é um reflexo da minha própria existência e também da profunda complexidade humana através da vasta criação que a arte me proporciona. Toda força e energia canalizadas em nossa expressão vieram de experiências práticas e da minha interpretação do universo, desde jovem fui muito curioso e me interessei pela natureza e a forma que a energia se manifesta e flui em todas as suas faces através da fria névoa que pairava diante dos meus olhos. O material da Torqverem é composto por "chaves" e "códigos" pessoais dentro desse obscuro universo, toda arte, letra, simbologia e tudo que carrega a "marca" da Torqverem é manifestado por mim, mantenho fechado hermeticamente para que a minha proposta e objetivos sejam alcançados, afinal é um reflexo da minha própria existência.

Portanto posso dizer que a Torqverem é 100% empírica. A simbologia, alegorias e metáforas que utilizo são citações e influências na qual tive afinidade e acabei descobrindo como me aprofundar ainda mais no padrão que me era apresentado e tomava forma diante da minha face, desde as vísceras primordiais da criação até a manifestação prática da energia em sua forma mais ampla, fiquei surpreso como tudo o que arquitetei tinha ligações tão fortes com outras filosofias e principalmente dentro do ocultismo, ao estudar a base egípcia, das civilizações mesopotâmicas e greco-romana (até por isso a utilização do sumério, egípcio e latim arcaico nas letras), encontrei muito do que "faltava" no meu grande quebra-cabeças, também foi inevitável meu interesse na filosofia e psicologia (que abordo diretamente na Torqverem com as várias interpretações da realidade), e assim fui (e ainda vou) construindo a entidade que denomino Torqverem, e essa foi a prova de que estou trilhando um caminho único, concreto e prático, e talvez a insanidade seja apenas uma abstração da mente...

Como você avalia o atual cenário da música extrema em nosso país?

- V. A. Necrovisceral: De modo geral, nosso cenário é dividido e precário (reflexo da própria realidade do país), isso sem falar da base retrógrada colonial e religiosa que impera em nossa sociedade, que prejudica e acaba limitando em tudo, mas dentro disso existem algumas frentes de "oposição e resistência" que lutam e preservam a seriedade para manterem-se fiéis e vivas, acredito que o Brasil assim como a América Latina têm muito para impor e serem respeitados principalmente pela colonização cri$tã que destruiu nossas origens e moldou as mentes com a demência da servidão. Com o passar do tempo, aprendia confiar em poucos aliados, e isso nos ajudou muito e proporcionou que a própria Torqverem também crescesse, eu mesmo faço o que estiver ao meu alcance para que as celebrações e eventos que acredito aconteçam (muitas vezes eu mesmo levo aparelhagem, ajudo na logística, bateria, etc., para que nossa força continue viva! Esse é o verdadeiro underground extremo!), mas tenho consciência de que tudo aqui é muito difícil para as bandas subterrâneas na hora de organizarem alguma coisa, existe muita gente mesmo dentro do underground querendo viver e ganhar com isso, e digo isso de forma abrangente, muitos sugam não apenas da nossa cena, mas também vivem da imagem e "status", e acabam inundando nosso cenário de falsos, aproveitadores e porcarias de bandas que não deveriam ter saído de suas garagens! Toda semana tem um evento "extremo", mas eu mesmo conto nos dedos os que compareço por não ver sentido em vários deles! Com a facilidade da prensagem, internet e divulgação dos materiais, o meio underground acabou se tornando a "latrina dos excluídos"!

O que você tem ouvido ultimamente e quais são aqueles sons que você costuma ouvir com mais persistência?

- V. A. Necrovisceral: Ultimamente ando pendendo muito para o lado francês, finlandês, alemão e canadense do metal extremo, principalmente por fazerem materiais fora do "padrão" que estamos acostumados e penderem para a corrosão da essência humana, não ficando apenas no "satanismo comercial", e para mim bandas como Förgjord, Belketre, Brume d'Automne, A Forest, Odal, Peste Noire, 1349, Ravencult e Nordvrede são muito apreciadas!

Ubi in Malum Cruciatum

Entrevista a Entidade Torqverem, Black Metal

Ultimamente com a minha proximidade na produção de eventos e celebrações acabei conhecendo melhor muitas das bandas (principalmente nacionais), e ainda estou descobrindo várias até pela minha dificuldade em absorver novos materiais, mas posso citar o que ouvi nesta última semana, como o Defacer, Goatlord (USA), Angantyr, Vulturinee Argentum (MEX), além de Coven. Enquanto respondia a entrevista, ouvi bastante algumas obras de Clint Mansell executadas pelos norte-americanos do Kronos Quartet.

Você está envolvido em outros projetos além da Torqverem? Tem interesse em desenvolver outros projetos musicais?

- V. A. Necrovisceral: É muito complicado pensar em manifestar minha arte tão particular fora da Torqverem, já tentei canalizar algumas expressões em projetos paralelos (a maioria sozinho), mas pelo fato das coisas fluírem sempre pelo mesmo caminho, acabo agregando na própria Torqverem as novas ideias, como foi o exemplo do violino clássico que utilizei nas passagens atmosféricas do álbum "Funeral da Alma Cristã" (que acabou posteriormente sendo incorporado nas linhas de vocal, mantendo a atmosfera densa e mórbida de forma ainda mais natural), assim como o piano e violão presentes nas demos e também no álbum "Vber Crvciatvs" que complementaram a canalização de informações da obra. Vejo a Torqverem como a própria soma dos meus projetos, e não me imaginaria participando de outra banda, mas no final deste ano de 2015 e.v. fui convidado por um grande aliado para somar forças em uma respeitada e obscura horda da década de 90, e em 2016 e.v. quando os círculos se fecharem, as informações serão divulgadas e uma grande e mórbida realização será eviscerada das profundezas e pegará muita gente de surpresa.

Fale-nos um pouco sobre as apresentações. Quais foram os melhores shows que vocês fizeram até o momento? Há previsão para novas apresentações no decorrer desse ano?

- V. A. Necrovisceral: Como expressamos algo "não convencional", é nítida a feição de "surpresa" do público, mesmo em celebrações pequenas onde tocamos com o nascer do sol, percebo que sempre tem alguém que esperou firme e forte para presenciar nossa obscura arte pessoalmente, isso não tem preço! Esforço-me ao máximo para literalmente "explodir" nas apresentações e atingir o público com a mais odiosa e canalizada energia, então se algum evento foi ruim, foi pela aparelhagem precária ou pela nossa própria falha, mas posso citar brevemente quatro casos que me marcaram muito, que foram as celebrações em Curitiba, Rio de Janeiro, Campina Grande e em Santa Cruz de La Sierra (Bolívia), pois Curitiba sempre foi conhecida por ser uma terra fria e com público muito exigente principalmente com as bandas de fora, foi uma grande surpresa a forma que nos receberam e absorveram nossa arte em todas as vezes que tocamos, o Rio de Janeiro também foi surpreendente, mesmo sendo o último evento depois de uma exaustiva tour, a energia era enorme e o público parecia possuído, e mesmo com o cansaço (éramos a última banda), lembro do grande irmão Cesar do Poeticus Severus subindo no palco comigo e pedindo para que continuássemos porque o clima estava "foda demais", não tem como não reconhecer uma coisa dessas no underground extremo!!! Campina Grande e Santa Cruz de La Sierra foram uma grande surpresa por nunca termos tocado antes no Nordeste ou na Bolívia, e a recepção e interesse foram excepcionais! Vinham discutir sobre as letras e até sobre entrevistas que eu tinha dado há quase uma década!

Isso realmente não tem preço e nos dá muita energia para continuarmos produzindo nossa arte com muito orgulho, valorizo as apresentações “ao vivo” tanto quanto no álbum, porque para a Torqverem a expressão “cara a cara” é única e individualizada, um verdadeiro ritual para mostrarmos o que fazemos!! E sem o uso de nada eletrônico ou efeitos como várias pessoas ainda acham que utilizamos, tudo é real... E por enquanto estamos negociando e arquitetando as primeiras apresentações para depois da metade de 2016 e.v., pois o foco agora é a gravação do nosso próximo álbum.

Você acha que os apreciadores da música extrema atualmente apoiam as bandas? Em sua opinião a ‘cultura’ do MP3 e do download desenfreado minam o underground?

- V. A. Necrovisceral: Acredito que a tecnologia está aí para facilitar a troca de informação, e o que fazemos na Torqverem nunca foi para agradar ninguém, e acredito que as reais bandas do extremo metal subterrâneo fazem o mesmo! Então não vejo como um problema, ao contrário, acho que a “era mp3” atrapalha as bandas que querem fazer dinheiro, porque o público subterrâneo é muito fiel e cultua os materiais originais, de uns tempos para cá você consegue pesquisar uma banda ou projeto e ouvir o som do outro lado do mundo, e se for de seu interesse ainda entrar em contato com os membros e pegar diretamente o material, hoje em dia não existe mais informação que não esteja disponível a todos (que também acabou ajudando a revelar muita coisa suja que é importante para a nossa própria limpeza e proteção). Infelizmente sempre virão os “modinhas” que acabam entrando em contato com materiais que não deveriam, mas pessoas assim não possuem a chave para absorverem tal conhecimento e arte, e cedo ou tarde caem pelos cantos junto com a chegada de uma nova moda, portanto eu enxergo que na real “cena” do extremo metal subterrâneo quem não apoia a banda com MP3 faria a mesma porcaria sem MP3...

Falando ainda em 'underground' você acredita que há um movimento verdadeiro ou há mais imagem e discurso ao invés de ação? Com o passar dos anos como essa força do 'movimento' tem se tornado?

- V. A. Necrovisceral: A maioria dos seres a nossa volta vivem de imagem (dentro ou fora do underground), e não passam de ovelhas sustentando masturbações diárias para que seus egos sujos e fétidos mantenham-se de pé, literalmente encobrindo suas lacunas psicológicas e fracassos com migalhas para sustentarem suas máscaras, e infelizmente na cena underground extrema muitos desses exemplares acabam encontrando refúgio, tanto em atitudes inconscientes de oposição aos costumes e dogmas familiares quanto em comportamentos vazios de carência. A "popularização" do gênero infelizmente também acabou trazendo algumas distorções que "satirizam" uma proposta que deveria ser séria, e essa é uma das razões da Torqverem ser fechada, preciso proteger e lutar pelo que acredito e vivo, e essa é uma das razões de eu não me importar com as pessoas, as alianças acontecem por afinidade, pelo reconhecimento de sua força, e foi assim que encontrei meus aliados no "movimento", pois a única forma de criar um movimento sério, seria compactando os semelhantes em "ilhas" de resistência, porque diferentemente de outros estilos underground, o que fazemos é muito maior do que simples "música e letra", mas dentro do meu raio de atuação vejo muito esforço da parte de poucos e desunião da maioria, às vezes é mais importante pegar uma menininha qualquer, tomar um copo de cachaça e arrotar frases de efeito é o suficiente para o dito "movimento" underground, mas voltando ao que interessa, em meu círculo de atuação e alianças estou satisfeito e orgulhoso do exército de resistência que mantemos, e que ainda persiste mesmo com tanta dificuldade.

Onde é possível encontrar materiais da Torqverem para aquisição? No site oficial, no link da loja, vemos que tudo está indisponível.

- V. A. Necrovisceral: Desde o início da Torqverem os materiais foram muito restritos e limitados, tenho até hoje as listas numeradas e para quem cada álbum ficou (afinal possuem meu sangue, em todas as nossas demos uma parte minha literalmente foi junto com o material, simbolizando toda minha manifestação não apenas na arte e som, mas também fisicamente no que tenho de mais precioso neste plano, que é o meu sangue), mas estamos trabalhando numa distribuição mais eficaz dentro do cenário underground, pois a proposta nunca foi a divulgação em si, criei a Torqverem como uma forma de manter a minha sanidade, expondo os perfurantes abismos que me consomem de forma particular. Foi uma grande surpresa em ver a aceitação da Torqverem por ser um tipo de arte "fora do padrão", evoluímos bastante na distribuição do último álbum "Vber Crvciatvs" que já estava disponível em algumas livrarias e lojas especializadas, e no próximo álbum previsto para meados de 2016 e.v., já estamos programando uma melhor distribuição, inclusive iremos investir no merchandising diferenciado, como camisetas e moletons (todos criados e executados por mim, seguindo fielmente nossa proposta dentro do obscuro subterrâneo que trilhamos na Torqverem), mas assim que forem disponibilizados, os novos materiais estarão disponíveis tanto no site quanto nas lojas e distribuidoras especializadas.

Eu agradeço imensamente pela oportunidade e cedo o espaço para suas considerações finais!

- V. A. Necrovisceral: Eu é que agradeço! A Torqverem realmente é a minha vida, não falo ou penso como "músico" ou "artista" do metal extremo, o recado e a minha filosofia sempre foram claras desde o início, deixo todos os textos explícitos nas minhas obras, entrevistas e etc., e também disponíveis em nosso site (www.torqverem.com), fico muito orgulhoso que mais seres tenham curiosidade e afinidade de conhecerem meu obscuro universo, e a entidade que criei através da Torqverem... Gostaria também de citar meus grandes irmãos e aliados nesta guerra: Isere o recém-chegado percussionista Alcoholic Death! Hoje posso dizer que a estabilidade e força estão conspirando para que o novo material da Torqverem seja uma poderosa arma para o grandioso funeral da criação... E que assim seja! **VANA EST IRA INOPS VIRIBVS...**

https://www.facebook.com/Torqverem

http://www.torqverem.com/

http://www.metal-archives.com/bands/Torqverem/3540282585